

ANA LUÍSA ANGELETTI NUNES

**JORNALISMO NA INTERNET: A NOVA
NARRATIVA DAS REPORTAGENS
MULTIMÍDIA**

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2014

ANA LUÍSA ANGELETTI NUNES

**JORNALISMO NA INTERNET: A NOVA
NARRATIVA DAS REPORTAGENS
MULTIMÍDIA**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Henrique Moreira Mazetti

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2014



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada *Jornalismo na internet: a nova narrativa das reportagens multimídia*, de autoria da estudante Ana Luísa Angeletti Nunes, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Henrique Moreira Mazetti – Orientador
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Ernane Correa Rabelo
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profa. Dra. Kátia de Lourdes Fraga
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Viçosa, 10 de Fevereiro de 2014

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais e a minha fam que sempre me apoiaram.

Sem vocês não teria chegado até aqui.

Obrigado.

#7

AGRADECIMENTO

**Aos meus amigos, homogêneos ou deploráveis, antigos ou novos, por todo o apoio e cumplicidade mesmo nas situações mais estranhas.
Vocês podem não saber, mas me ajudaram muito em momentos complicados.
Obrigado!!**

RESUMO

O jornalismo está em constante mudança, acompanhando as modificações da sociedade e da tecnologia. A internet funciona como um desses fatores de alteração, já que possibilita que as informações sejam apresentadas de uma nova forma, unindo dentro de uma mesma narrativa linguagens distintas como, textos, áudios, vídeos e fotos, criando as reportagens multimídia. Entretanto esse tipo de produção ainda não foi muito estudado, portanto para entendermos melhor esse tipo de produção vamos falar sobre o webjornalismo e suas características, os especiais multimídia e suas qualidades e a respeito das técnicas de redação utilizadas para sua construção. Além disso, vamos analisar três exemplos, verificando se eles seguem os preceitos da *Pirâmide deitada*, técnica proposta por João Canavilhas para textos produzidos no ambiente online. Assim, seremos capazes de compreender como as reportagens multimídia são construídas e estruturadas, permitindo que as diferentes linguagens usadas durante a sua produção possam formar uma narrativa única.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; internet; reportagens multimídias; estrutura narrativa.

ABSTRACT

Journalism is constantly changing, following the changes in society and technology. The internet works like one of those factors of change, since it enables information to be presented in a new form, uniting in the same distinct languages as narrative, texts, audios, videos and photos, creating multimedia reports. However, this type of production has not been so investigated, to have a better understanding this type of production we will talk about web journalism and its characteristics, the special multimedia and its qualities and about writing techniques used for its construction. In addition, let's look at three examples, checking if they follow the precepts of the pyramid lying, technique proposed by John Canavilhas to texts produced in the online environment. Thus, we will be able to understand how the multimedia reports are built and structured, allowing the different languages used during production may form a single narrative.

KEY-WORDS

Journalism; internet; multimedia reports; narrative structure

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – <i>Pirâmide invertida</i> . Fonte: CANAVILHAS, 2003, p.5. | 26 |
| Figura 2 - <i>Pirâmide deitada</i> . Fonte: CANAVILHAS, 2003, p.15 | 29 |
| Figura 3 - Menu "Os Infiltrados" | 36 |
| Figura 4 - Personagens..... | 36 |
| Figura 5 - Informações adicionais sobre cada personagem | 37 |
| Figura 6 - Fluxograma de "Os Infiltrados" | 39 |
| Figura 7 - Página de abertura de “Por dentro de...Dunas” | 41 |
| Figura 8 - Menu de "Por dentro de...Dunas" | 42 |
| Figura 9 - Conteúdo da reportagem | 44 |
| Figura 10 - Conteúdo da reportagem sem vídeos ou fotos | 44 |
| Figura 11 - Fluxograma de "Por dentro de...Dunas" | 45 |
| Figura 12 - Corpo de "Uma Avenida em Farrapos" | 48 |
| Figura 13 - Linha do tempo de "Uma Avenida em Farrapos" | 50 |
| Figura 14 - Slideshow e Multimídia de "Uma Avenida em Farrapos" | 51 |
| Figura 15 - Fluxograma de "Uma Avenida em Farrapos" | 53 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - "Os Infiltrados" | 39 |
| Quadro 2 - "Por dentro de...Dunas" | 46 |
| Quadro 3 - "Uma Avenida em Farrapos" | 52 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução | 10 |
| 1. O Jornalismo e a Internet | 13 |
| 1.2 Especiais Multimídia, o que são?..... | 21 |
| 1.3 As estruturas narrativas..... | 25 |
| 2. Análises | 32 |
| 2.1 Os Infiltrados | 34 |
| 2.2 Por dentro de... Dunas..... | 40 |
| 2.3 Uma Avenida em Farrapos | 46 |
| Considerações Finais | 54 |
| Referências Bibliográficas | 57 |

Introdução

Em abril de 2013, umas das reportagens publicadas pelo jornal americano *New York Times* foi ganhadora do Prêmio Pulitzer (premiação jornalística mais prestigiada nos Estados Unidos) na categoria *Feature Writing*. Nessa reportagem, o jornalista John Branch retrata o desenrolar de uma avalanche de neve ocorrida no estado de Washington, nos Estados Unidos, em fevereiro de 2012, que matou dezesseis atletas que praticavam *snowboard* na encosta do vale Tunnel Creek.

A reportagem ganhadora foi intitulada de *Snow Fall*¹ e possui um diferencial: foi divulgada exclusivamente na internet¹. Trazendo um design inovador, a produção chamou atenção por reunir em sua estrutura diferentes linguagens. O texto está presente na maior parte da reportagem, porém as informações apresentadas ao público são complementadas por áudios, vídeos e fotos. Além disso, a navegação pela página é diferente daquela com a qual estamos acostumados quando acessamos o conteúdo online de um jornal: à medida que avançamos na leitura as partes da reportagem, os conteúdos vão se sobrepondo indicando que a partir daquele momento outro ponto sobre o assunto será abordado. Esse tipo de reportagem feito para o ambiente online pode ser caracterizada como

Grande reportagem constituída de formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentro outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear. (LONGHI, 2010, p.153)

As reportagens multimídia não são exclusividade do jornalismo norte-americano. Empresas brasileiras também produzem esse novo tipo de material baseado na integração de diferentes linguagens para construir uma única narrativa, como *A Batalha de Belo Monte*, publicada no site da Folha de São Paulo, que acabou ganhou uma versão em inglês; e *Casa Grande e Senzala, 80 anos* produzida pelo Jornal do Commercio. Porém, esse novo tipo de reportagem ainda gera algumas inquietações como a construção das estruturas narrativas dessas produções, afinal, para que uma narrativa seja criada, é preciso mais do que apenas juntar diferentes linguagens dentro de um mesmo espaço.

¹ <http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/#/?part=tunnel-creek>

Com o objetivo de descobrir como as reportagens multimídia são estruturadas, vamos analisar algumas produções, tendo como método a avaliação da técnica narrativa usada. Há autores que defendem o uso da *pirâmide invertida*, usada tradicionalmente pelos meios de comunicação, e outros que apoiam a utilização de um novo modelo pensado para o meio online conhecido como *pirâmide deitada*, técnica que propõe que as informações devam ser expostas em níveis, que vão de menos para mais informações.

Para entendermos melhor como essas narrativas são estruturadas, esse trabalho vai analisar três reportagens multimídias produzidas pelo site do jornal gaúcho Zero Hora, que foi um dos primeiros a investir nesse novo modelo de reportagem. São elas: *Os Infiltrados*, reportagem multimídia ganhadora do prêmio Imprensa Embratel, que retrata as histórias dos militares infiltrados nos movimentos opositores durante a ditadura; *Por Dentro de... Dunas*, que reflete sobre a situação das dunas nas praias gaúchas; e *Avenida em Farrapos*, que relata a evolução de uma importante avenida de Porto Alegre. Dessa forma, perceberemos como essas produções são estruturadas. Assim, também seremos capazes de notar como as informações são hierarquizadas e se as reportagens seguem os níveis da *Pirâmide deitada*.

Para a realização dessas análises, nos basearemos em diferentes conceitos. Para falarmos de jornalismo online, discutiremos a convergência de Henry Jenkins (2009), que, segundo ele, é o fluxo de informação através de diferentes meios de comunicação. Também apresentaremos as gerações do Webjornalismo, discutidas por Luciana Mielniczuk (2003), que caracteriza os conteúdos online em diferentes períodos do jornalismo na internet, e as características do jornalismo online, de acordo com Carla Schwingel (2012). As reportagens multimídias e suas características serão conceituadas a partir do que afirma a autora Raquel Longhi (2010), para quem os especiais multimídias, outro nome para esse tipo de reportagem, são produções feitas exclusivamente para a veiculação na internet, na qual as diferentes linguagens são colocadas de uma forma integrada. Já a parte das estruturas narrativas será baseada nos conceitos discutidos por João Canavilhas (2006), principalmente o de *Pirâmide deitada*, que defende que os conteúdos online devem ser hierarquizados de níveis com menos informação para níveis com mais informações.

Temos aqui o interesse de deixar uma pequena contribuição a respeito deste tema, por sabermos que as reportagens multimídias ainda são relativamente novas, e ainda não existe um grande número de trabalhos sobre o assunto. Além disso, existem vários termos para explicar uma mesma característica das reportagens multimídias, e

ainda falta desenvolvimento de investigações sobre as estruturas narrativas das reportagens produzidas nacionalmente.

Com o aumento do uso e relativo barateamento da banda larga no Brasil, começa-se a identificar algumas iniciativas das empresas de comunicação no investimento de seções multimídias. É o caso do portal do Estadão (www.estadao.com.br), que neste ano estreou o canal “Multimídia” e o Globo.com, que investe no portal de notícias G1 (g1.globo.com). Além disso, os portais IG, Terra e UOL apostam em conteúdo multimídia como a Terra TV (<http://terratv.terra.com.br>) e a TV UOL (<http://tvuol.uol.com.br>), que exploram apenas canais de vídeo, áudio e galerias de slide shows fotográficos. No cenário jornalístico brasileiro falta ainda desenvolvimento de pesquisas por linguagens narrativas multimídias. (SPINELLI, RAMOS, 2007, p.2)

Com o intuito de facilitar o entendimento do assunto, essa monografia foi dividida em dois capítulos. O primeiro, nos quais serão apresentadas as teorias usadas na realização desse trabalho, foi dividido em três momentos: começamos pela evolução do jornalismo online até chegar às características que permitem a produção dos especiais multimídias; em seguida, apresentamos os estudos sobre os especiais multimídias e suas particularidades; e, por último, expomos as técnicas narrativas, dando atenção à *Pirâmide deitada*, com a qual trabalharemos durante as análises.

O segundo capítulo é aquele no qual cada uma das reportagens será analisada individualmente, contando com o auxílio de imagens para facilitar o entendimento do leitor.

1. O Jornalismo e a Internet

Nesse primeiro capítulo, serão trabalhados os conceitos que permeiam os especiais multimídias, a começar pela convergência de Jenkins e as gerações do Webjornalismo de Luciana Mielniczuk e Carla Schwingel. Depois serão vistos os especiais multimídias e suas características de acordo com Raquel Longui e Ramón Salaverría. Por último, falaremos ainda sobre as técnicas narrativas da *pirâmide invertida* e da *pirâmide deitada* de acordo com João Canavilhas.

O jornalismo está em constante mudança, seja na maneira como as notícias são produzidas e editadas, nas técnicas de redação ou na forma como as informações são disponibilizadas para os leitores. As técnicas de produção e distribuição de produtos jornalísticos estão intimamente ligadas aos aparatos tecnológicos existentes em cada período de tempo, sendo responsáveis pela mudança na maneira como o jornalismo é visto e entendido pela sociedade. João Canavilhas explica essa característica citando como exemplo a evolução do jornalismo norte americano durante o *boom* das estradas de ferro que ligavam o país.

O desenvolvimento dos meios de comunicação social está intimamente relacionado com os avanços que ocorreram nos métodos de difusão. A imprensa norte-americana, por exemplo, registrou um período de franco desenvolvimento em paralelo com o crescimento dos caminhos-de-ferro norte-americanos, pois dessa forma os jornais puderam aumentar de forma substancial a sua área de influência. (CANAVILHAS, 2006, p.2)

Nessa dinâmica, não podemos ficar alheios às mudanças que a internet proporcionou. De acordo com Carla Schwingel (2012, p.36), “no decorrer de quase duas décadas, com a utilização da internet e do ciberespaço, o ciberjornalismo se configurou como uma nova modalidade jornalística”.

É importante ressaltar que as nomenclaturas referentes às definições de alguns termos relacionados à produção do jornalismo no ambiente online ainda não possuem uma unanimidade no mundo acadêmico, o que pode ser comprovado quando André Deak (2011, p.18) afirma, em sua dissertação de mestrado, que existem “dificuldades de encontrar nomenclaturas adequadas para definir certos aspectos práticos que passam por essas redes”.

A utilização da internet para a atividade jornalística, seja no processo de produção ou como plataforma para a publicação de conteúdo, não é algo recente. Vários

estudos já foram realizados sobre o tema e ainda não existe um consenso sobre quais termos devem ser aplicados quando nos referimos às nomenclaturas do jornalismo online. Como afirma Mielniczuk (2003, p. 22):

Apesar da explosão da utilização da internet para fins jornalísticos ter ocorrido a quase uma década e os estudos significativos já terem sido desenvolvidos, ainda não há um consenso sobre a terminologia a ser utilizada quando nos referimos ao jornalismo praticado na internet, para a internet ou com o auxílio da internet.

Dito isso, entendemos que o Webjornalismo² “refere-se a uma parte específica da internet, que disponibiliza interfaces gráficas de uma forma bastante amigável” (MIELNICZUK, 2003, p.26). O ambiente da *Word Wide Web* é imprescindível para o ciberjornalismo, na medida em que é ele que possibilita a existência de algumas das características dos produtos com os quais iremos trabalhar.

O ciberjornalismo é a modalidade jornalística no ciberespaço fundamentado pela utilização de sistemas automatizados de produção de conteúdos que possibilitam a composição de narrativa hipertextuais, multimídias e interativas. Seu processo de produção contempla a atualização contínua, o armazenamento e recuperação de conteúdos e a liberdade narrativa com a flexibilização dos limites de tempo e espaço, e com a possibilidade de incorporar o usuário nas etapas de produção (SCHWINGEL, 2012, p.37)

Uma das características encontradas em produções para o webjornalismo é a convergência entre os meios de comunicação. No ambiente online podem ser utilizadas diferentes linguagens em uma mesma plataforma, possibilitando a construção de uma narrativa jornalística. Uns dos autores que tratam sobre esta questão é Henry Jenkins, que, em seu livro *Cultura da Convergência*, mostra como a convergência midiática influencia a maneira como os produtos de entretenimento são produzidos, sendo que essas mudanças podem alterar tanto a forma com as redações estão sendo construídas quanto a maneira como o conteúdo a ser publicado no ambiente online é estruturado. O autor afirma:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais. (JENKINS, 2009, p.29)

² Nesse trabalho Webjornalismo, Jornalismo Online e Jornalismo Digital são considerados sinônimos.

Ramón Salaverría e José Alberto García Avilés, em artigo intitulado *La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo*, dissertam sobre como a convergência vem atingindo o mundo do jornalismo. Não podemos deixar de dizer que essas mudanças acabaram por causar grandes modificações dentro do campo, que atingiram tanto a forma de se produzir conteúdo, quanto a maneira como esse conteúdo é distribuído para o público.

Em las últimas décadas hemos asistido a la evolución de numerosas profesiones a causa del impacto de las tecnologías digitales. El periodismo no ha sido una excepción. La digitalización ha modificado de raíz todos los procesos esenciales atribuidos a ese trabajo: la búsqueda, elaboración y difusión de contenidos informativos. De hecho, el propio concepto de medio de comunicación ha mudado a raíz de la rápida confluencia entre la industria audiovisual, la informática y las telecomunicaciones (AVILÉS, SALAVERRÍA, 2008, p. 32).

Ainda de acordo com os autores, a atividade realizada pelos jornalistas de diferentes meios mostrou mudanças. Anteriormente cada meio possuía ferramentas específicas para a sua produção, e atualmente as atividades de edição foram convertidas para um único equipamento que é capaz de editar textos e conteúdos audiovisuais. Além disso, “esta posibilidad tecnológica há comenzado a ser aprovechada por las empresas periodísticas para promover una creciente polivalencia profesional de sus trabajadores” (AVILÉS, SALAVERRÍAS, 2008, p. 36). Os motivos que levam a essa mudança estão relacionados com a diminuição da circulação de jornais impressos, custo de produção e divulgação, a competição pelas verbas publicitárias, o aumento do número de usuários da internet, o corte de gastos em diversas áreas da redação e a necessidade de se produzir conteúdos para as diferentes plataformas pertencentes a uma mesma empresa.

A convergência atinge também a forma como o jornalista capta e produz a informação. Assim, torna-se importante diferenciar os três tipos de convergência que interferem no processo de produção das notícias.

Em aras de una mayor claridad conceptual, conviene distinguir entre la convergencia en la fase de captación de noticias, en la fase de producción y en la fase de distribución. Se trata de três etapas distintas que pueden funcionar de forma separada. En la fase de captación de noticias, puede darse un mayor nivel de polivalencia, de forma que el mismo redactor consigue las declaraciones de una fuente em diversos formatos: áudio, vídeo y texto. Sin embargo, em la fase de producción, un periodista utiliza el material para elaborar la pieza televisiva, outro prepara la noticia para el boletín de radio y um tercero puede realizar um reportaje multimídia para la web. Es decir, la producción de calidad exige um certo grado de especialización. Las decisiones editoriales y estilísticas de cada médio pueden mantenerse durante esta fase. De modo similar, la distribución conlleva una serie de factores propios del canal utilizado, que dominan los

técnicos especializados em cada médio (AVILÉS, SALAVERRÍA, 2008, p.40).Essas não são as únicas mudanças proporcionadas por essa convergência: a forma como os tradicionais meios de comunicação se comportam em relação uns aos outros também sofreu algumas alterações. Com a tecnologia disponível atualmente, é possível que os meios passem a contribuir uns com os outros. “De este modo, la convergencia digital tende a configurar un paisaje mediático em donde los medios tradicionales, antes competidores, son ahora aliados” (AVILÉS; SALAVERRÍA, 2008, p.37).

Entretanto, todas essas modificações pelas quais o jornalismo vem passando por conta da convergência geram algumas perturbações. A integração das redações e a necessidade de fazer uso de diferentes ferramentas para a produção das notícias exigem uma mudança no perfil dos jornalistas. Avilés & Salaverría (2008) afirma que os principais problemas surgidos dessas mudanças são que: os jornalistas devem realizar mais atividades dentro da mesma carga horária; e que os profissionais devem possuir a capacidade de produzir notícias para qualquer meio de comunicação, sendo essa qualidade chamada de *polivalência*.

Com isso a formação fornecida aos jornalistas deve sofrer algumas modificações, atendendo às novas características do jornalista polivalente:

- Dominio de las tecnologías de grabación y edición digital.
- Habilidad para el trabajo em equipo.
- Versatilidad para elaborar contenidos com imagem, áudio, texto y grafismo
- Capacidad de reacción para enfrentarse a la información de última hora (SALAVERRÍA, 2003 apud AVILÉS, SALAVERRÍA, 2008, p.43).

As mudanças proporcionadas pela convergência atingiram também o jornalismo produzido para o ambiente online, chamado de webjornalismo, sendo que nesse as habilidades de polivalência do repórter são mais exigidas.

O webjornalismo ganhou força com a popularização da internet, em meados da década de 90 do século XX, quando passou a ser um produto acessível para o grande público. Entretanto, o jornalismo na web não se manteve o mesmo desde sua popularização:

O jornalismo desenvolvido para a *web* não é um fenômeno concluído, e, sim, em constituição e, mesmo com menos de uma década de história, vem apresentando transformações significativas. Por um lado, por causa dos avanços tecnológicos pelos quais a própria *web* tem passado, por outro, devido, às descobertas de possibilidades oferecidas pela *web* para a prática do jornalismo. (MIELNICZUK, 2003, p.21)

Dessa forma, entendemos que o conteúdo produzido para a publicação na internet sofreu alterações que acompanharam o desenvolvimento da mesma, possibilitando que as produções possam ser agrupadas de acordo com diferentes características.

Porém, assim como existem divergências quanto às nomenclaturas que devem ser utilizadas, há diferenças na forma como podemos classificar historicamente as reportagens produzidas para a web. Schwingel (2012, p.40) esclarece que:

Para compreender e delimitar a prática do jornalismo digital até este momento, pesquisadores buscaram situá-la em termo de fases (PAVLIK, 1997), gerações (MIELNICZUK, 2003) ou ondas (PRYOR, 2002), sistematizadas em função de características do produto gerado ou do sistema de produção. Porém fica difícil delimitá-las em termos temporais porque, quando o ciberjornalismo passa a ser praticado no Brasil de forma transpositiva (em 1995), nos Estados Unidos algumas publicações apresentavam características de evolução editorial e tecnológica.

Iremos trabalhar aqui com a classificação histórica do webjornalismo proposto por Luciana Mielniczuk (2003), que propõe que tal trajetória pode ser dividida em três fases diferentes, que abrangem as formas como a informação era passada para os leitores através da internet.

Em um primeiro momento, a autora aponta a existência de um “Webjornalismo de Primeira Geração”, na qual os produtos veiculados na internet eram apenas reproduções de conteúdos ou partes de conteúdos que já haviam sido publicados pelos meios de comunicação impressos, como jornais e revistas:

A produção dessa fase, em sua maioria, são simplesmente cópias do conteúdo de jornais existentes no papel, só que para a *web*. A rotina de produção de notícias é totalmente atrelada ao modelo estabelecido nos jornais impressos. No que diz respeito ao formato de apresentação das narrativas jornalísticas, não há nenhuma evidência de preocupação com relação a uma forma inovadora de apresentação das narrativas jornalísticas. (MIELNICZUK, 2003, p. 33)

Já no segundo momento, com o melhoramento dos serviços de internet no país, o webjornalismo começa a mudar. Nessa fase, chamada de “Segunda Geração”, as primeiras experimentações para explorar o conteúdo publicado na internet começaram a ser realizadas. Neste período, o jornalismo impresso ainda tem sua importância, pois, de acordo com Mielniczuk (2003), o jornal impresso funciona como uma referência para as produções feitas para a web, sendo por isso também chamada por *fase da metáfora*.

Ao mesmo tempo em que se ancoram no modelo do jornal impresso, as publicações para a *web* começam a explorar as potencialidades do novo ambiente, tais como *links* (...). A tendência ainda é a existência de produtos

vinculados não só ao modelo do jornal impresso enquanto produto, mas também as empresas jornalísticas cuja credibilidade e rentabilidade estavam associadas ao jornalismo impresso. (MIELNIZUK, 2003, p. 34)

Carla Schwingel, em seu livro *Ciberjornalismo* (2012), ainda diz que as produções pertencentes à Segunda Geração do Webjornalismo começaram a apresentar características como a *personalização* e a *interatividade*. Além disso, o processo produtivo passa a apresentar funções distintas daquelas encontradas na produção de conteúdos para o impresso, como, por exemplo, o surgimento dos bancos de dados da internet, que passaram a ser fontes importantes para a pesquisa jornalística. (SCHWINGEL, 2012).

Por último, temos a “Terceira Geração do Webjornalismo”. Nesse momento as produções são pensadas particularmente para publicação dentro do ambiente online. Mielniczuk (2003) diz que as produções começam a apresentar *multimedialidade*, a utilização de sons e imagens dentro de um mesmo suporte, além do uso de interatividade e hipertextos, que permitem que o público seja mais que um leitor passivo. Sobre esse processo, Schwingel (2012, p.46) também afirma que:

A partir de 1999, quando os produtos são elaborados tendo em vista os diferenciais do ciberespaço, já sem uma vinculação direta somente com o modelo do impresso. [...] O processo de produção da informação passa a se diferenciar ainda mais do impresso, sendo que é totalmente controlado pelos jornalistas. Os sistemas de gestão de conteúdos começam a ser utilizados na elaboração dos produtos jornalísticos, com a utilização de banco de dados integrados ao produto.

É importante ressaltar que alguns autores defendem que existe ainda mais uma geração, a “Quarta Geração do Webjornalismo”, que teria surgido a partir da utilização dos bancos de dados online na produção de conteúdo. Segundo Schwingel (2012, p.46), essa fase teria se desenvolvido “ a partir de 2002, com o uso de banco de dados integrados das empresas de comunicação, com o uso de sistemas de produção de conteúdos, com a incorporação do usuário no processo de produção”.

Entretanto, essa classificação não é fixa, existem produtos atualmente que podem ser encaixados na primeira ou na segunda geração, assim como podemos encontrar características de diferentes gerações em um mesmo produto:

É preciso salientar que essas fases não são estanques no tempo, e nem são excludentes entre si, ou seja, num mesmo período de tempo, podemos encontrar publicações jornalísticas para a *web* que se enquadram em

diferentes gerações e, em uma mesma publicação, pode-se encontrar aspectos que remetem a estágios distintos. (MIELNICZUK, 2003, p.31)

As produções que serão analisadas por essa monografia podem ser classificadas como pertencentes à Terceira Geração do Webjornalismo, já que apresentam seu conteúdo de forma multimídia, assim como permitem que o leitor tenha uma maior liberdade de leitura. Entretanto, essas não são as únicas características encontradas no jornalismo produzido para a web. A seguir, iremos apresentar quais são elas e sua função dentro desse novo tipo de jornalismo. Assim sendo, podemos encontrar sete características diferentes que permeiam a produção de conteúdos jornalísticos para a web.

Nesse trabalho iremos utilizar as características apresentadas por Carla Schwingel (2012), que, além dos seis atributos propostos por Marcos Palacios, agrega mais um: a *flexibilização* dos limites de tempo e espaço.

As características que serão aqui apresentadas,

Refletem as potencialidades oferecidas pela internet ao jornalismo desenvolvido para a web. Tais possibilidades não se traduzem, necessariamente, em aspectos efetivamente explorados pelos *sites* jornalísticos, seja por razões técnicas, de conveniência ou de adequação à natureza do produto oferecido. (MIELNICZUK, 2003, p. 40) [grifo da autora]

A primeira característica é a da *Multimedialidade*, que pode ser entendida pelo uso de diferentes linguagens (textos, áudios e vídeos) dentro de uma mesma peça, que vai fazer parte da constituição da narrativa jornalística desse produto. De acordo com João Cavavilhas (2003), a multimedialidade altera a forma como as matérias são produzidas, assim como a forma de leitura das mesmas.

A *Interatividade* é processo que permite uma maior participação do leitor dentro da produção jornalística, seja entrando em contato com o jornalista por e-mail ou fazendo um comentário na página da matéria.

A máxima “nós escrevemos, vocês lêem” [sic] pertence ao passado. Numa sociedade com acesso a múltiplas fontes de informação e com um crescente espírito crítico, a possibilidade de interação directa com o produtor de notícias ou opiniões é um forte trunfo a explorar pelo webjornalismo. (CANAVILHAS, 2003, p.65)

Se levarmos em consideração o que Schwingel (2012) discute, podem ser identificados seis tipos diferentes de interação: (1) do usuário com as ferramentas interativas; (2) do usuário com os conteúdos – navegação; (3) do usuário com os

conteúdos – inclusão; (4) do usuário com a equipe de produção (os jornalistas); (5) do usuário com outro ou outros usuários e (6) do conteúdo com o conteúdo.

A seguir, temos a *Customização do conteúdo*, também conhecida como *individualização* ou *personalização*, que permite que os leitores escolham a forma como irão ter contato com os produtos online, decidindo de que forma as informações serão lidas e qual conteúdo será acessado, não precisando entrar em contato com todo o material produzido.

Outra característica é a *Memória*, que é entendida como a possibilidade de arquivar e acumular indefinido número de informações dentro da internet:

Palacios (1999) argumenta que a acumulação de informações é mais viável técnica e economicamente na web do que em outras mídias. Acresce-se o fato de que na web a Memória torna-se Coletiva, através do processo de hiperligação entre os diversos nós que a compõem. Desta maneira, o volume da informação anteriormente produzida e diretamente disponível ao Usuário e ao Produtor da notícia cresce exponencialmente no Jornalismo on-line, o que produz efeitos quanto a produção e recepção da informação jornalística. (PALACIOS, 2003, p. 20)

A característica seguinte é a *Atualização contínua*. Como a internet é um ambiente que proporciona uma mudança constante em seus conteúdos, possibilita que o jornalista atualize as notícias a qualquer momento, acompanhando a evolução dos acontecimentos. Dessa forma, as informações encontradas na internet podem estar as mais completas possíveis. Canavilhas (2003, p.114) afirma que “a actualização é constante e os destaques de primeira página estão em constante mutação”.

Em penúltimo, temos a *Flexibilização dos limites de tempo e espaço como fator de produção*, que é a possibilidade que o produtor da informação tem de utilizar a quantidade de espaço e de tempo que achar necessário para a produção das suas matérias.

No ciberespaço, não há, a rigor (por questões técnicas e financeiras), um número máximo ou mínimo de caracteres ou de minutos para passar a informação, isso é algo acordado conforme programação visual ou o direcionamento editorial do veículo. (SCHWINGEL, 2012, p.59)

A próxima característica é a da *Hipertextualidade*, que vincula os diferentes conteúdos das reportagens multimídias, funcionando como a estrutura do material produzido para o meio online. “É a teia que se constrói, e é percorrida ao deslocar-se por informações” (SCHWINGEL, 2012, p.57). É a partir dessa característica que as análises desse trabalho serão realizadas no segundo capítulo dessa monografia.

Essa característica [...] traz a possibilidade de interconectar textos através de *links*. Os autores chamam a atenção para a possibilidade de, a partir do texto noticioso, apontar para outros textos como originais de relises, outros *sites* relacionados ao assunto, material de arquivo dos jornais, textos que possam apontar aspectos favoráveis e desfavoráveis a respeito do assunto em questão, entre outros. (MIELNICZUK, 2003, p. 46-47)

Através dos links, o leitor pode ser conduzido para diferentes páginas, nas quais pode encontrar conteúdos complementares à notícia e, dessa forma, ter acesso a uma maior quantidade de informação a respeito dos fatos.

O hiperlink pode ser considerado um dos principais recursos utilizados na grande reportagem multimídia, pois, por meio deles podemos montar os vários cominhos que o leitor pode seguir, e assim, como o hipertexto, o uso da multimídia e a interação que a internet permite, possibilita a criação de narrativas bem mais dinâmicas e completas. (CRISTIANO & SILVA, 2012, p.4)

A internet proporcionou mudanças na forma como os produtos jornalísticos podem ser apresentados, deixando de reproduzir o que estava nos meios impressos e começando a possibilitar novas experiências envolvendo diferentes linguagens e criando novas narrativas. É através do hipertexto que podemos unir em uma mesma reportagem áudios, vídeos, fotos e textos de uma maneira que construa uma estrutura, possibilitando o surgimento dos especiais multimídias.

1.2 Especiais Multimídia, o que são?

As características apresentadas acima, somadas às possibilidades proporcionadas pela Terceira Geração do Webjornalismo, possibilitaram o surgimento de um novo tipo de reportagem veiculada exclusivamente no meio online, as reportagens multimídias, também chamadas de especiais multimídias.

De acordo com Egle Müller Spinelli e Daniela Osvald Ramos (2007), é durante a mais recente geração do webjornalismo que começam a surgir as primeiras preocupações com as construções de narrativas hipertextuais ligadas aos conteúdos multimídias trabalhados na web. É dentro desse cenário que encontramos os especiais multimídias, nos quais os temas são abordados com mais profundidade, sendo, por isso, considerados como um herdeiro das grandes reportagens produzidas para os impressos.

Se considerarmos os especiais multimídias herdeiros da grande reportagem impressa, poderemos classifica-los como parte do gênero interpretativo do

jornalismo [...]. Assim, podemos defini-lo como uma reportagem com interpretação, aprofundamento e detalhamento dos fatos, mas dentro de outra plataforma. (CRISTIANO & SILVA, 2012, p. 3)

Entretanto, é importante ressaltar que o tipo de reportagem aqui tratado ainda é novo no Brasil, portanto não existe um grande número de informações sobre ele:

No entanto, por se tratar de um fenômeno em erupção, o especial multimídia ainda é um tema pouco estudado no Brasil, com referencial teórico escasso, se comparado com as incontáveis possibilidades que a internet nos permite trabalhar e com as inúmeras divergências de opiniões entre os pesquisadores da área. (CRISTIANO & SILVA, 2012, p.6)

As reportagens multimídias vêm ganhando mais espaço dentro do jornalismo on-line. Segundo Raquel Longhi (2010), esse desenvolvimento crescente das produções multimídias se deve às constantes evoluções das técnicas ligadas a *hardware* (parte física de um computador, formado pelos componentes eletrônicos, como por exemplo, circuito de fios de luz, placas, utensílios, correntes e qualquer outro material em estado físico) e *software* (sequência de instruções escritas para serem interpretadas por um computador com o objetivo de executar tarefas específicas).

O especial multimídia é uma reportagem produzida para ser vinculada exclusivamente em ambiente on-line, pois em sua estrutura encontramos todas as linguagens da comunicação: texto, áudio, vídeos e fotos, numa conexão que não poderia ser feita em outra plataforma.

A nomenclatura “especial multimídia” tem sido usada para definir a web-reportagem que se utiliza de elementos multimídias integrados (imagens, sons e texto verbal), sendo também chamada de reportagem multimídia, narrativas multimídias, dentre outros. (LONGHI, 2010, p.150)

Além de integrar vários elementos diferentes, o especial multimídia possui também outras características que o diferenciam das demais reportagens publicadas na web. Entretanto, por se tratar de uma produção de apuração mais aprofundada, o ideal para as reportagens multimídias seria a de cobrir pautas que não exigem rapidez na sua execução.

Este seria mais apropriado a pautas frias e especiais sobre um determinado assunto, uso de vídeo e construção da narrativa jornalística levando em conta as características do meio, definidas por Marcos Palácios como interatividade, hipertextualidade, multimídia e memória. (RAMOS & SPINELLI, 2007, p.4)

Raquel Longhi, em seu artigo “*Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia*” (2010), diz que existem três conceitos-chaves para entender o

funcionamento dessa reportagem: a hipertextualidade, a multimídia e a interatividade.

O conceito de interatividade é aquele que trata da participação do público frente a reportagem. Antes da internet o leitor era apenas um consumidor passivo das informações, e agora ele pode interagir com o produto escolhendo a forma de leitura e até mesmo ajudando na produção de conteúdo.

Se antes o destinatário da mensagem ficava principalmente na posição de consumir a informação ou produto midiático, com poucas possibilidades de interferência, com o processo estabelecido neste espaço virtual, ele passou a interagir, modificar e criar o próprio conteúdo, em especial após a chamada web 2.0. (CARVALHO, DE PAULA, 2013, p.1)

Por ser um tipo jornalístico novo, ainda não percebemos seu uso recorrente pelos grandes portais de comunicação. Longhi (2010) afirma que a multimídia, característica que nomeia essa reportagem, ainda é usada modestamente dentro do ambiente on-line. “A maioria dos cibermeios que se apresentam como “multimídia” em realidade oferecem apenas textos, imagens e sons que podem ser consumidas de maneira separada ou consecutiva”, diz a autora (LONGHI, 2010, p.151).

Dessa forma, de acordo com Salaverría (2005 apud LONGHI, 2010), quando falamos da relação entre as linguagens, podemos classificar as formas de interação na internet em multimídia por *justaposição* e por *integração*. Longhi (2010), citando o autor, diz que a justaposição ocorre quando os elementos das reportagens são colocados de forma desagregada; a integração, por sua vez, se refere às reportagens nos quais os elementos constituintes são articulados em um discurso único. É nas reportagens que apresentam integração que podemos encontrar mais uma das características dos especiais multimídias, a construção de uma narrativa própria:

No caso dos infográficos multimídia [aqui entendido como especial multimídia], ao passo que cada elemento – vídeos, fotos, áudios, animações, desenhos, ícones, texto escritos, etc. – deve ser compreensível de maneira isolada, todos têm de manter coerências entre si e contribuir para uma *unidade comunicativa* (SALAVERRÍA, 2001). Ou seja, o infográfico deve contar uma única história, mas por meio de diferentes códigos, numa trama não-hierarquizada, que possibilite múltiplos percursos e leituras, explorando, assim, todas as potencialidades da linguagem hipertextual. (RAYMUNDO, 2009, p.2)

Criar uma narrativa usando essas características tem sido um desafio para os jornalistas que trabalham com a internet, já que nem todas as faculdades possuem em

suas grades curriculares disciplinas que preparem os futuros profissionais para trabalhar com esse novo tipo de reportagem.

O potencial dos recursos multimídia para a reportagem jornalística, evidenciado pelo debate teórico, encontra um desafio prático: o treinamento dos profissionais para o exercício das funções com as quais não estavam acostumados. Um profissional cada vez mais polivalente parece ser a exigência do mercado. (LENZI, 2012, p.102)

Autores como Barbara Acácia Cristiano e Verônica de Souza Silva (2012) afirmam que cada uma das linguagens que fazem parte dos especiais multimídias traz para a reportagem suas próprias características. Entretanto, quando trabalhamos essas diferentes linguagens em conjunto, outros estilos de linguagem também podem ser criados, além de novas formas de transmissão e de consumo das mensagens.

É importante salientar que a construção desse tipo de produção só foi possível devido ao desenvolvimento da internet e de alguns *softwares*, como o *Flash*³. A utilização desse programa influenciou o jornalismo digital, chegando a ser cunhado um novo termo: o *Flash Journalism*, que designa aquelas produções “que se utilizam do software *Flash* para a sua concepção.” (LONGHI, 2012, p.192). Esse programa se mostra importante para o jornalismo digital a partir do momento em que é ele que vai possibilitar a integração das linguagens na mesma plataforma online, influenciando a forma como as estruturas narrativas podem ser construídas. “Assim como em grande parte dos chamados “especiais multimídias” produzidas em *Flash*, a interface torna-se o espaço privilegiado de “leitura”, pois engloba todos os elementos informativos que darão origem às diversas partes do produto informativo” (LONGHI, 2012, p.193).

Apesar de ser uma forma inovadora de transmitir informações dentro do ambiente online, os especiais multimídias encontram um problema: o medo que os meios de comunicação possuem de que, produzindo esse tipo de reportagens, estejam fugindo das características apresentadas pelos conteúdos comumente produzidos para o meio online.

O usuário que acessa a informação na rede está em busca de um texto claro e de fácil compreensão, no entanto, o medo de que tal informação seja considerada pouco atrativa para o usuário faz com que a grande reportagem, também conhecida como especial multimídia, não seja comumente utilizada na web, fazendo com que não haja um aprofundamento sobre determinado fato, predominando na rede apenas o factual.(CRISTIANO & SILVA, 2012, p.2)

³ *Software* de gráfico vetorial utilizado para a criação de animações

Os especiais multimídias são um novo tipo de reportagem, que cumpre no ambiente online o papel que as grandes reportagens cumprem para o meio impresso. Porém, as reportagens multimídias possibilitam outras formas de interação entre o público e as informações. Nesse novo tipo de reportagem o leitor não fica limitado à leitura dos dados: tem acesso a vídeos, áudios, infográficos e uma série de outras linguagens que proporcionam uma conexão maior com as informações.

Quando pensamos no impresso, percebemos a existência de um modelo consolidado, entretanto, quando prestamos atenção nos especiais notamos a falta de um modelo na qual as produções possam se basear.

1.3 As estruturas narrativas

Com a internet, o jornalismo entrou em contato com uma nova plataforma de publicação, e assim os meios de comunicação estão se adaptando a esse novo cenário, mantendo-se atualizados de acordo com o período vivido.

O jornalismo enfrenta a necessidade de se reinventar dia a dia, encontrar meios e formas de se inserir e continuar relevantes nesse ambiente. Trazer para perto de si os internautas que produzem conteúdos para que, a partir deles, possam surgir novos temas a se tratar, também é uma necessidade. O caminho inverso é igualmente válido. Contribuir, muito mais do que concorrer: processo multi-interativos envolvendo o leitor, a publicação, o jornalista e outros leitores. (MIELNICZUK apud CARVALHO, 2013, p.5)

A internet proporcionou mudanças nas mais diferentes formas de fazer jornalismo no ambiente online e, dessas mudanças, surgiram diversas polêmicas que abrangem todas as etapas da produção de conteúdos para a internet. “Diante de um cenário ainda indefinido, surge, conseqüentemente, uma série de indagações, sejam elas relacionadas à prática ou à teoria e que abrangem todas as instâncias, desde a produção até a recepção dos webjornais” (MIELNICZUK, 2002, p.2).

Uma dessas polêmicas se refere a qual técnica narrativa deve ser usada para a produção de conteúdo online. Atualmente, a técnica de redação que impera nos meios de comunicação, principalmente no impresso, é conhecida como *Pirâmide invertida*. De acordo com Fernando Zamith (2005), essa técnica está em voga há mais de 100 anos, sendo que sua escrita é caracterizada pela hierarquização das informações dentro do texto.

Os acontecimentos não são relatados por ordem cronológica, mas sim por ordem de importância. A cabeça, ou o lead da notícia deverá conter as informações mais relevantes (simbolizada pela base mais larga da pirâmide), reservando-se para o corpo da notícia os complementos e/ou pormenores (a redução da largura da pirâmide corresponde ao decréscimo de importância) (ZAMITH, 2005, p.176).

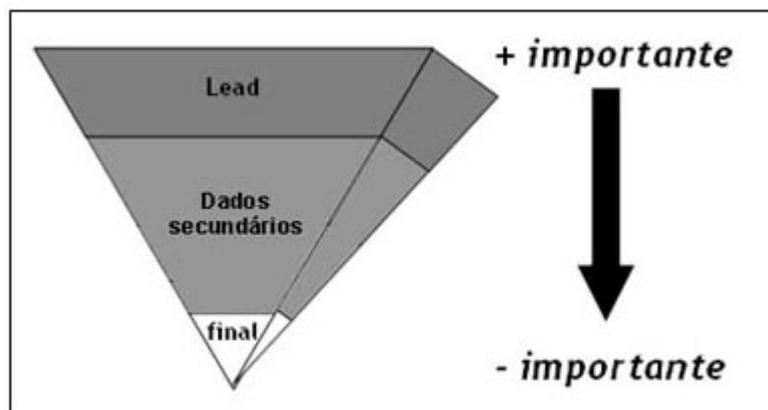


Figura 1 – *Pirâmide invertida*. Fonte: CANAVILHAS, 2003, p.5.

Essa não foi a primeira técnica de redação utilizada: nos primórdios dos meios impressos, as matérias eram escritas seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos, assim como nas histórias contadas nos livros. As notícias eram apresentadas em textos mais densos, que para serem completamente compreendidos deveriam ser lidos até o final.

A situação mudou com a Guerra de Secessão Americana. Durante o conflito, os jornalistas enviados para cobrir os acontecimentos utilizavam o telégrafo para enviar as informações para as redações. Canavilhas relata que os telégrafos não eram completamente confiáveis e que também eram um alvo constante de ataques das duas partes da guerra. Com isso, as informações nem sempre eram transmitidas por completo, deixando as redações sem alguns detalhes dos acontecimentos. Para resolver esse problema, os postos de telégrafos passaram a utilizar uma técnica diferente de envio das informações:

Perante essa situação, os operadores de telégrafos criaram um método para dar prioridade em simultâneo a todos os correspondentes. O método constitui em fazer uma fila de informadores em que cada um podia ditar um parágrafo – o mais importante – da sua informação. Ao acabar o turno iniciava-se o ditado do segundo parágrafo, e assim até o final. Nascera a *pirâmide invertida* da notícia, método ainda hoje em vigor. (FONTCUBERTA, apud ZAMITH, 2005, p.177)

Além de ter resolvido o problema do envio das informações a *Pirâmide invertida* proporcionou outra mudança nas redações:

[Essa técnica] foi eficiente também para resolver os problemas relativos às limitações de espaço nos jornais impressos. Caso fosse necessário reduzir o tamanho da notícia no processo de confecção do jornal, não havia perigo de, ao excluir o final do texto, eliminar alguma informação essencial. (MIELNICZUK, 2002, p.9)

Desde aquela época, a *pirâmide invertida* vem sendo utilizada pelos meios de comunicação no momento de construir suas matérias, sendo considerada uma forma eficiente de transmitir as informações. Mielniczuk (2002) afirma a eficiência desse modelo a partir do momento que essa técnica desperta imediatamente a atenção do leitor, “satisfazendo de forma mais rápida suas necessidades, já que as informações essenciais encontram-se logo no início do texto” (MIELNICZUK, 2002, p.9).

Entretanto, a eficácia dessa técnica para a produção de conteúdos na internet começou a ser contestada. Autores defendem que a *Pirâmide invertida* não se encaixa na estrutura narrativa dos produtos publicados online. João Canavilhas é um desses autores, e afirma que “usar a técnica da *pirâmide invertida* na web é cercear o webjornalismo de uma de suas potencialidades mais interessantes: a adoção de uma arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação” (CANAVILHAS, 2003, p.7). Ele argumenta ainda que a *Pirâmide invertida* é uma técnica válida para os meios impressos, já que os produtos que utilizam o papel como plataforma possuem uma limitação espacial, e assim é imprescindível que as informações sejam colocadas de uma forma a otimizar a área, tendo um equilíbrio entre o que se pretende dizer e o espaço disponível para a publicação.

De acordo com Mielniczuk (2002), alguns atributos interfeririam na utilização da técnica da *Pirâmide invertida* na produção de conteúdos online, a saber, a hipertextualidade, a multimidialidade e a instantaneidade. Assim, foi proposta uma nova técnica de redação que contempla as peculiaridades das produções feitas para a internet. “No webjornalismo não faz qualquer sentido utilizar uma pirâmide, mas sim um conjunto de pequenos textos hiperligados entre si” (CANAVILHAS apud ZAMITH, 2005, p.184). Desse modo, as informações não seriam estruturadas do mais importante para menos importante, mas sim de um nível com menos informação para um com mais informação. “No webjornalismo, a quantidade (e variedade) de informação disponibilizada é a variável de referência, com a notícia a desenvolver-se de um nível com menos informação para sucessivos níveis de informação mais aprofundados e

variados sobre o tema em análise.” (CANAVILHAS, 2003, p.13). Essa nova técnica, proposta por João Canavilhas, ficou conhecida como *Pirâmide deitada*.

O trabalho de redacção implica jogar com duas variáveis “dimensão” (quantidade de dados) e “estrutura” (arquitectura da notícia). A correcta manipulação das variáveis obriga os jornalistas a optarem pelas técnicas de redacção que mais se adequam às características do meio, dando mais importância a uma ou a outra variável. Compreende-se, pois, que as prioridades do jornalista da imprensa em papel sejam diferentes das prioridades do webjornalista: enquanto o primeiro dá primazia à dimensão do texto, recorrendo a rotinas estilísticas que permitem “encaixá-lo” no espaço definido, o segundo deve centrar sua atenção na estrutura da notícia, uma vez que o espaço é tendencialmente ilimitado. (CANAVILHAS, 2003, p.10)

A *Pirâmide deitada* foi pensada para ser utilizada em produtos que sejam estruturados através de uso de conteúdos multimídias e de links, que permitem que o leitor escolha o caminho que vai seguir durante a leitura das informações, como é o caso dos especiais multimídias. As informações são expostas de uma maneira que privilegia o espaço, sendo que as informações expostas inicialmente não podem ser consideradas mais importantes que aquelas colocadas no final da reportagem. “Se o eixo vertical que vai do vértice superior a base da *pirâmide invertida* significa que o topo é mais importante que a base, então a pirâmide deve mudar de posição, procurando-se dessa forma fugir a hierarquização da notícia em função dos fatos relatados” (CANAVILHAS, 2003, p.13).

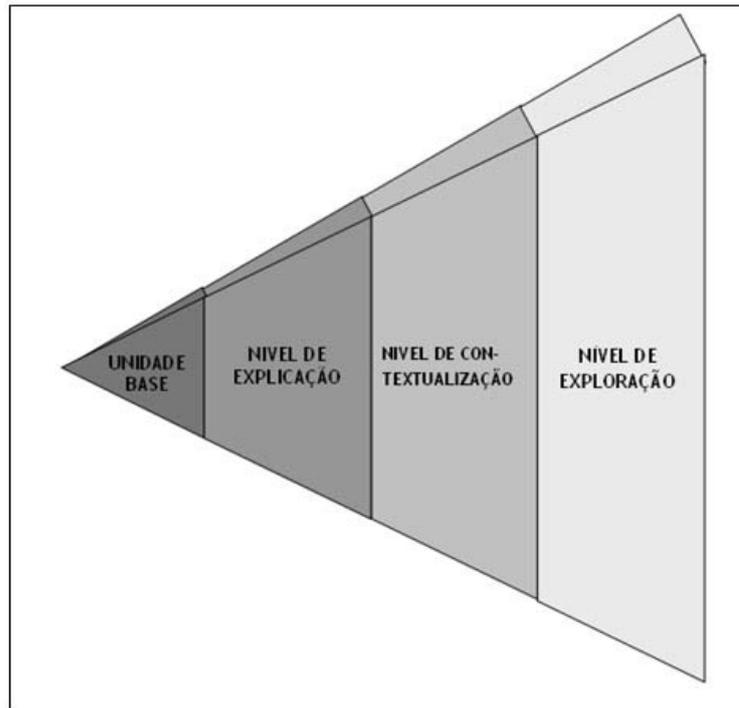


Figura 2 - Pirâmide deitada. Fonte: CANAVILHAS, 2003, p.15

É importante ressaltar que essa técnica de redação, proporciona muito mais do que a possibilidade de unir diferentes meios em uma única plataforma e a liberdade de leitura. Além disso, o próprio jornalista ganha maior liberdade, pois não precisa se limitar a um único meio ou a um espaço predefinido. Canavilhas (2003, p.16) afirma:

Em suma, a *pirâmide deitada* é uma técnica libertadora para utilizadores, mas também para os jornalistas. Se o utilizador tem a possibilidade de navegar dentro da notícia, fazendo uma leitura pessoal, o jornalista tem ao seu dispor um conjunto de recursos estilísticos que, em conjunto com novos conteúdos multimídia, permitem reinventar o webjornalismo em cada nova notícia.

O autor aponta que existem algumas formas de estruturação das notícias na web, e que a utilização de uma arquitetura apoiada em uma estrutura hipertextual (como acontece nos especiais multimídias) acaba aumentando a distância entre a produção online e a técnica da *Pirâmide invertida*. Ele afirma ainda que existem três tipos de estruturas hipertextuais, todas levando de um nível com menos informação para um nível com maior quantidade de informação. Elas podem ser lineares, reticulares ou mistas.

Na primeira estrutura, os blocos textuais que compõem as notícias estão ligados por um ou mais eixos, sendo que o leitor não pode mudar de eixo. Já as estruturas reticulares, são aquelas que dão mais liberdade aos leitores. “Como o próprio nome

indica, uma estrutura reticular não tem eixos de desenvolvimentos predefinidos: trata-se de uma rede de textos de navegação livre que deixa em aberto todas as possibilidades de leitura.” (CANAVILHAS, 2003, p.11). Por último temos a estrutura mistas, que apresentam elementos das lineares e das reticulares. Nesse tipo de estrutura, a liberdade diminui um pouco, mas com a presença de pistas de leituras mais bem definidas.

Para entendermos como os especiais multimídia são estruturados e qual é a técnica de redação usada durante a sua produção vamos analisar algumas reportagens. Trata-se de um esforço semelhante ao que Egle Müller Spinelli e Daniela Osvald Ramos fizeram no artigo “*A reportagem multimídia no Clarín.com e a pesquisa por uma linguagem digital*”, no qual analisam a dimensão narrativa do especial “*Los Amores – El Pueblo que se salvo del remate*” produzida pelo Clarin.com. “Para a análise se utilizará como referência pesquisas de teóricos do jornalismo online que situam as seguintes vertentes: webdocumentário, *pirâmide deitada* e as três gerações do webjornalismo” (RAMOS & SPINELLI, 2007, p.2).

Iremos analisar cada página que faz parte das reportagens multimídias, tentando entender qual é o seu papel dentro desse especial, observando, por exemplo, se ela se comporta como o lead, e quais perguntas ela responde (O quê, Quando, Quem, Onde, Por Quê e Como). Dessa forma iremos ponderar se as informações expostas seguem os quatro níveis da *Pirâmide deitada* proposta por Canavilhas (2006, p. 15):

A Unidade Base – o lead - responderá ao essencial: O quê, Quando, Quem e Onde. Esse texto inicial pode ser uma notícia de última hora que, dependendo dos desenvolvimentos, pode evoluir ou não para um formato mais elaborado.

O Nível de Explicação responde ao Por quê e ao Como, completando a informação essencial sobre o acontecimento.

No Nível de Contextualização é oferecida mais informação – em formato textual, vídeo, som ou infografia animada – sobre cada um dos W’s.

O Nível de Exploração, o último, liga a notícia ao arquivo de publicações ou a arquivos externos.

A evolução do jornalismo na internet exigiu mudanças, que atingiram mais que as técnicas de produção e de distribuição, chegando a provocar mudanças nas técnicas de redação, deixando métodos antigos para os meios tradicionais, e abrindo espaço para uma nova possibilidade de construção das narrativas. Analisando as três reportagens, seremos capazes de entender como são estruturadas as narrativas desses especiais

multimídias: se elas seguem a antiga técnica jornalística da *Pirâmide invertida* ou se os jornalistas fazem uso da *Pirâmide deitada*.

2. Análises

Neste segundo capítulo, iremos analisar três especiais multimídias produzidos pelo Zero Hora.com. Aqui serão vistas se as reportagens seguem os preceitos da *Pirâmide deitada*, se elas estão dispostas em níveis de informação e quais partes se enquadram dentro das etapas propostas por João Canavilhas.

O jornal Zero Hora é um periódico que circula diariamente no estado do Rio Grande do Sul, contando com uma versão impressa no formato *standard* e outra versão online, que traz o conteúdo do jornal impresso e material produzido especialmente para a internet.

O jornal foi publicado pela primeira vez em 1964 com formato tabloide, depois que o antigo jornal Última Hora, do jornalista Samuel Wainer, foi comprado por outro empresário, que preferiu mudar o nome do periódico.

A palavra “última” do seu título foi substituída pela expressão “zero”. Discursivamente, esta traduz a funcionalidade das novas orientações do jornal no sentido de que todos os esforços do trabalho jornalístico deveriam convergir para garantir a liderança jornalística no Sul do Brasil em relação à circulação e em relação ao próprio trabalho jornalístico. (FACCIN, 2009, p.8)

Na década de 70, o jornal Zero Hora sofreu uma grande alteração. Nessa época, o periódico passou a ser controlado pelo Grupo RBS (Rede Brasil Sul), do empresário Maurício Sirotsky Sobrinho, e recebeu uma série de modificações na sua estrutura de trabalho.

[O Zero Hora sofreu] uma série de reformas para modernizar seus métodos de gestão e adequar sua linha editorial às novas condições do mercado local, visando à conquista não apenas do público leitor, mas da sua própria faixa de expansão. Em consequência dessa estratégia, tanto quanto da estagnação editorial e mercadológica da empresa concorrente – a Companhia Jornalística Caldas Júnior – *Zero Hora* tornou-se só o jornal de maior leitura no Estado. (FACCIN, 2009, p.10)

Além das modificações na estrutura da publicação, Zero Hora passou a seguir as orientações do grupo RBS no que se refere ao modelo de jornalismo adotado. A partir desse momento, o jornal passou a valorizar a integração regional, se transformando em um modelo de jornalismo local. Segundo Faccin (2009, p.7), “isso se deve tanto por suas estratégias empresariais ligadas a uma cultura organizacional da rede, quanto pelas

suas práticas discursivas ligadas ao contexto regional fortemente presentes e auto-referenciadas no mercado simbólico regional”.

Já nos anos 1990, o Grupo RBS usou o jornal Zero Hora para criar seu primeiro produto jornalístico digital, o ZH Informática Online, que entrou “no ar” no dia 26 de Abril de 1995. De acordo com Gustavo Hermes Hennemann (2006), depois de 42 dias do lançamento do conteúdo online, os resumos das principais notícias passaram a ser publicadas na internet, além das crônicas do colunista Paulo Sant’ana. No dia três de Julho de 2000, surgiu o portal online ClicRBS, originado do Zero Hora Digital, que passou a reunir todo o conteúdo produzido pelas empresas integrantes do grupo RBS.

Ao tomar conhecimento da história da RBS e sua entrada na internet, observa-se que a empresa adotou uma postura arrojada, investindo no suporte antes mesmo deste ter seu acesso comercial liberado no Brasil. A seriedade com que a empresa considera o assunto pode ser percebida pelo fato de manter uma Gerência específica para tratar de suas operações na internet. (HENNEMANN, 2006, p. 14)

É dentro desse portal que encontramos, hoje, os conteúdos online disponibilizados pelo Zero Hora.com. Entre as produções disponibilizadas, estão aquelas caracterizadas como reportagens ou especiais multimídia. Apesar de o site possuir uma aba intitulada “Multimídia”, os especiais estão espalhados pelas outras editorias, principalmente a Geral, com uma chamada específica para a produção. Além disso, não percebemos uma periodicidade na produção, mesmo assim, as reportagens apresentadas pelo Zero Hora.com mostram qualidade e criatividade.

Para entendermos melhor qual técnica é usada dentro das redações vamos analisar três reportagens multimídias produzidas pelo portal online Zero Hora, são elas: *Os Infiltrados*⁴, reportagem que trata dos militares que se infiltravam em movimentos contra o regime ditatorial; *Por dentro de... Dunas*⁵, reportagem multimídia sobre os problemas encontrados na área costeira do Rio Grande do Sul; e *Uma Avenida em Farrapos*⁶, que conta a história de uma das avenidas da capital gaúcha que veio perdendo seu status ao longo dos anos.

Essas produções foram escolhidas por serem diferentes entre si, abordando temas variados e apresentando layouts diversos. A reportagem “os Infiltrados” foi escolhida por ter tido uma grande repercussão na época de seu lançamento, tendo seus

⁴ Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/zerohora/swf/infiltrados/>

⁵ Disponível em: http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/pordentro_dunas/

⁶ Disponível em: http://www.clicrbs.com.br/zerohora/swf/especial_farrapos/

autores ganhado um prêmio pela produção. Além disso, o conteúdo acabou sendo transformado em um livro, composto por informações mais completas sobre os espões do governo. As outras reportagens, *Por dentro de... Dunas* e *Uma Avenida em Farrapos* foram escolhidas por terem sido produzidas pela mesma repórter, apesar das diferenças entre elas, principalmente quando analisados o layout dos especiais.

Já o portal Zero Hora foi escolhido por trabalhar com conteúdos multimídias seguindo as características do webjornalismo, além de ter sido uma das primeiras empresas a investir nesse tipo de produção voltada para a internet.

Os conteúdos jornalísticos apresentados no portal ClicRBS [do qual faz parte o jornal Zero Hora] parecem ser melhor trabalhados para o ambiente *web*, explorando as seis características do jornalismo digital, do que os conteúdos (que são meramente transpostos) dos jornais impressos. (HENNEMAN, 2006, p. 14)

2.1 Os Infiltrados

O primeiro especial que iremos analisar é a reportagem intitulada *Os Infiltrados* que conta como agentes do governo, durante o período militar, se infiltravam dentro dos movimentos oposicionistas. Esse especial foi baseado em uma série de reportagens publicadas no jornal Zero Hora do dia 31 de Janeiro de 2010 até 05 de Fevereiro do mesmo ano, no caderno *Geral*.

O conjunto de notícias publicadas no Zero Hora foi escrito pelos jornalistas Carlos Etchichury, Carlos Wagner, Humberto Trezzi e Nilson Mariano, sendo que o texto e a edição online ficaram a cargo da repórter Bruna Riboldi. A série acabou ganhando o 12º Prêmio Imprensa Embratel. As reportagens chamaram a atenção e acabaram se transformando em um livro: *“Infiltrados – Eles eram os olhos e os ouvidos da Ditadura”*, publicado pela Editora AGE. A obra é de autoria dos mesmos repórteres responsáveis pela versão impressa e trata com mais profundidade da espionagem praticada durante o período da Ditadura Militar.

Quando acessamos a página da reportagem nos deparamos com uma tela negra na qual encontramos um texto escrito em letras brancas, que diz sobre o tema que será abordado nas páginas seguintes, respondendo as perguntas: O quê, Quando, Quem e Onde. Este é o texto:

Duas décadas e meia depois do período militar, agentes do governo [Quem] revelaram ao Zero Hora como se disfarçavam para se misturar aos opositores do regime e vigia-los.

Escalados para serem os olhos e ouvidos do regime militar, os infiltrados viveram a rotina dos grupos monitorados [O Quê]. Nesta empreitada, um deles encontrou no movimento estudantil o amor da sua vida. Outro não teve tanta sorte e foi descoberto logo na sua primeira missão. Há também quem previra manter o rosto escondido até hoje.

Esta reportagem multimídia reúne depoimentos dos entrevistados, documentos e fotos históricas que revelam quem eram e como agiam os agentes infiltrados do Rio Grande do Sul [Onde], atuantes nas décadas de 1970 e 1980 [Quando], além dos textos que integram a série no jornal impresso.

Como os especiais multimídias pretendem dar ao público uma nova experiência com as informações, a introdução do especial *Os Infiltrados* é acompanhada por uma trilha sonora que cria um clima de tensão, gerando um sentimento de inquietação quanto às informações que estão disponíveis ao acesso.

Esse primeiro momento faz um resumo do que iremos encontrar durante a navegação pela reportagem, comportando-se como o *lead* do especial multimídia. Dessa forma, quando levamos em consideração a *Pirâmide deitada* proposta por Canavilhas, percebemos que essa introdução pode ser classificada como a Unidade Base da reportagem.

Clicando no ícone de “play”, localizado abaixo do texto, encontramos um menu, no qual podemos ver as sete fotografias das personagens da reportagem, juntamente com uma pequena biografia dos mesmos. São eles: Artur Paulo de Souza, Sílvio Carriço Ribeiro, Telmo Fontoura, Idelci de Oliveira Lemos, Marco Pollo Giordani, Alberi Vieira dos Santos e Waldir João Reis Cerutti.

Para chamar e manter a atenção do usuário, a reportagem em questão investe em um layout criativo. O menu do especial é colocado sobre as imagens das entrevistas realizadas com os personagens, e, assim, o público pode se familiarizar com as figuras que fazem parte da reportagem antes de ter acessado todos os ícones que formam o menu.



Figura 3 - Menu "Os Infiltrados"

Cada ícone do menu corresponde a um personagem do especial e é formado por uma pequena fotografia e o seu nome. Os ícones estão ligados uns aos outros através de uma linha, formando um mapa, e dessa forma o leitor pode seguir o caminho dos acontecimentos. Quando clicamos em um desses ícones surge na tela uma fotografia antiga, os nomes do entrevistado (o original e o usado durante o período de trabalho infiltrado nos movimentos), além de pequenos textos que trazem mais informações sobre cada um (como e onde agiram, e por quanto tempo).



Figura 4 - Personagens

Em cada uma dessas fotografias, encontramos uma série de novos dados sobre a temática abordada, complementando o que foi apresentado na introdução do especial multimídia. Nesse momento, podemos reconhecer o segundo nível proposto pela *Pirâmide deitada*, o Nível de Explicação, que se caracteriza por trazer informações que completam o que já foi dito no *lead*.

Ao lado das fotografias das personagens, encontramos uma série de ícones que representam uma folha pautada, uma câmera fotográfica, uma câmera filmadora e um alto-falante. Cada ícone abre, respectivamente, textos, fotos, vídeos e áudios que corroboram, ilustram e trazem ainda mais informações sobre as afirmações feitas durante a reportagem. Quando o ícone é ativado pelo usuário, uma janela é aberta dentro da reportagem, na qual novas informações sobre cada personagem e, conseqüentemente, sobre o tema são apresentadas ao público. Como os novos dados são apresentados em janelas, o usuário não precisa deixar a página do especial multimídia para conseguir acessar essas novas informações sobre o assunto.

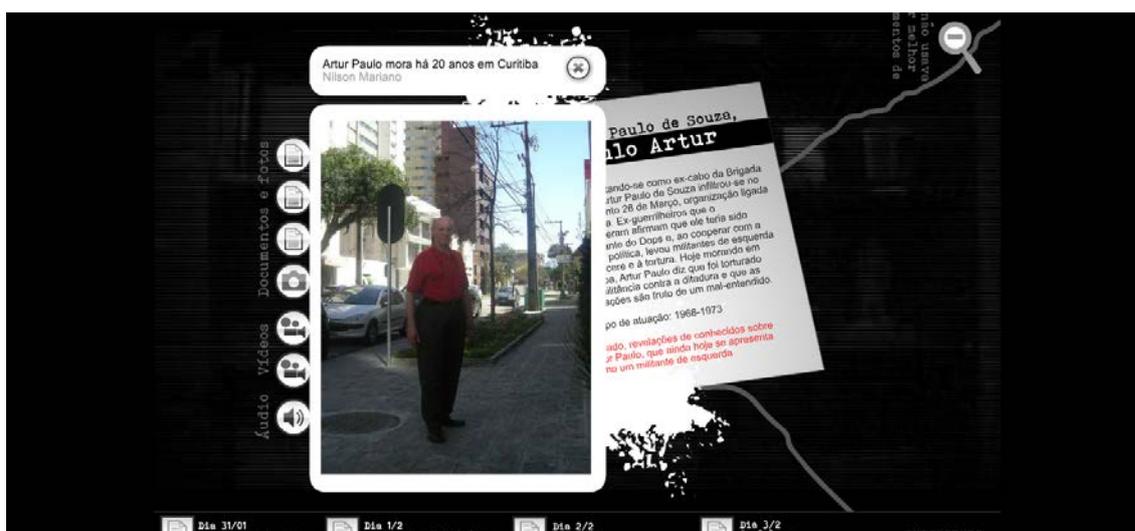


Figura 5 - Informações adicionais sobre cada personagem

Quando seguimos as etapas da *Pirâmide deitada*, chegamos ao terceiro nível que é chamado de Nível de Contextualização, no qual podemos ter acesso a uma série de novas informações sobre o tema abordado durante a reportagem. Se levarmos em consideração esse terceiro nível, seremos capazes de perceber que o momento descrito acima se encaixa em seu perfil, podendo ser caracterizado como o Nível de Contextualização deste especial multimídia em particular.

Na parte inferior da página de menu, estão localizados seis ícones, quatro que representam uma página escrita (e que funcionam como links), um que leva ao

expediente da reportagem e um último ícone, uma câmera de vídeo que mostra o que foi feito com as informações, como podemos ver na figura 3.

Os quatro primeiros ícones levam a cada parte da série de matérias publicadas no site do Jornal Zero Hora. Esse conteúdo conta a história dos infiltrados, traz mais informações e também o link para a reportagem multimídia, assim como o arquivo em PDF da matéria completa publicada no Zero Hora, e o arquivo individual, também em PDF, de cada uma das matérias que fizeram parte da reportagem.

Como esses ícones funcionam como links, acabam conduzindo o público para páginas fora da reportagem, e que também trazem informações sobre a temática abordada. Assim como cada um dos momentos anteriores pode ser caracterizado como um dos níveis da *Pirâmide deitada*, essa última etapa também. Quando os links da reportagem levam o usuário para páginas fora dela, com ainda mais informações sobre o tema, eles podem ser classificados como o quarto nível proposto por Canavilhas, o Nível de Exploração.

Entretanto, quando pensamos no último nível da pirâmide, percebemos que ele não está inteiramente em conformidade com o que propôs o autor. O Nível de Exploração é aquele que leva a arquivos da publicação ou externos com novas informações sobre o tema. Esse especial multimídia podemos acessar apenas a versão impressa da produção. “Este formato estabelece novos desafios profissionais e mercadológicos para as empresas ao agrupar informações em distintas mídias sem redundância de conteúdo na preparação de matérias inovadoras” (PACHECO & SPINELLI, 2013, p.1)

Terminada a análise das partes do especial multimídia *Os Infiltrados*, somos capazes de perceber que cada uma das etapas da *Pirâmide deitada* encontrou uma correspondência (como visto no quadro abaixo). Assim, o leitor entra em contato com uma produção dividida em diferentes níveis, sendo que existe certo grau de liberdade na leitura, principalmente quando acessamos a página do menu, em que é possível entrar em contato tanto com o Nível de Explicação quanto com o de Exploração, ficando a cargo do leitor escolher qual vai ler primeiro.

| Níveis | Semelhança |
|---------------------------|--|
| Unidade Base | Quem – agentes do governo O Quê – espionagem Onde – Rio Grande do Sul Quando - décadas de 1970 e 1980 |
| Nível de Explicação | Sobre cada personagem |
| Nível de Contextualização | Mais informações sobre os personagens |
| Nível de Exploração | Links para reportagem impressa, expediente e making off |

Quadro 1 - "Os Infiltrados"

Além disso, a reportagem segue o que Beatriz Ribas (2003, p. 108) afirma, a partir do momento em que o especial passa de um nível de menos informação para níveis com mais informações:

A construção das páginas através das micronarrativas organiza a informação de maneira fragmentada, mas articulada dentro da totalidade do documentário [reportagem multimídia], oferece níveis de aprofundamento e integrando formatos distintos. Tanto de entrevistas em texto, como em áudio e vídeo, podem ser divididas por assunto e reorganizadas, tendo em vista a fácil movimentação do usuário na busca por informações.

Os Infiltrados

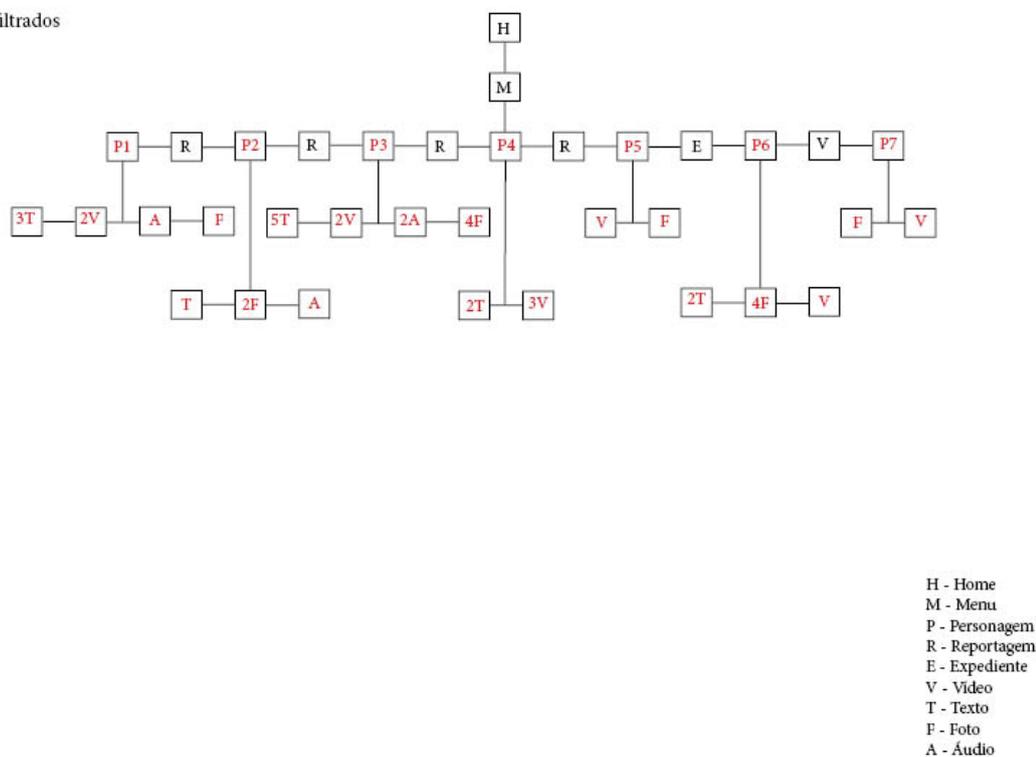


Figura 6 - Fluxograma de "Os Infiltrados"

Quando levamos em consideração a estrutura hipertextual dessa reportagem, percebemos que existe um caminho que o leitor pode seguir durante a sua navegação, representado pelo mapa apresentado no menu. Entretanto, a reportagem possibilita ao usuário seguir uma série de caminhos diferentes durante o seu acesso, como podemos ver no gráfico, sendo que cada escolha feita abre um leque de novas possibilidades de navegação. Dessa forma, a reportagem oferece algumas pistas de leituras somadas com a liberdade de navegação, tendo uma estrutura hipertextual mista.

2.2 Por dentro de... Dunas

A próxima reportagem a ser analisada é *Por dentro de... Dunas, proteção costeira em xeque*, especial produzido pelo Zero Hora.com que trata sobre as características das dunas, formação praieira que é pouco reconhecida no litoral gaúcho. O especial foi publicado no dia 6 de Março de 2010 na editoria Geral do site Zero Hora.com. Tanto a reportagem multimídia quanto a matéria escrita ficaram a cargo da repórter Kamila Almeida. As fotos da reportagem multimídia, porém, são de Júlio Cordeiro; a locução, de Fabiano Costa.

Acessando a página da reportagem encontramos um quadro em um fundo cinza, em que há a imagem de uma duna e do mar em movimento. No centro da tela temos o ícone de “play” e, no canto inferior à direita, encontramos as palavras “agradecimentos” e “expediente” que funcionam como ícones para informações que podem ser abertas dentro do site.



Figura 7 - Página de abertura de “Por dentro de...Dunas”

Clicando na figura central, é apresentada ao usuário a introdução da reportagem, assim como na análise anterior. Entretanto, esse início conta com um diferencial em relação ao nosso primeiro especial multimídia: ele não é apresentado simplesmente em forma de texto e sim em forma de texto e narração:

Todos os dias [Quando], cerca de 1,4 mil toneladas de areia saem da área que fica entre Rio Grande e Palmares do Sul, chamada de Litoral Médio, para abastecer as praias de Quintão a Torres [O quê].

O processo é chamado de balanço sedimentar.

É o movimento dos grãos de areia, que secam na beira da praia, que resulta na formação das dunas [Quem].

Todo esse esforço da natureza tem dezenas de funções.

Uma delas é proteger os balneários das invasões do mar e da erosão costeira.

O processo de erosão é acelerado também pela ocupação desordenada dos diferentes tipos de campos de dunas.

No Litoral Norte [Onde], cerca de 60% das nossas dunas sofreram algum tipo de impacto.

Em alguns balneários, os efeitos da voracidade do mar já se concretizaram, destruindo casas e estabelecimentos comerciais.

Por consequências como estas é que foi criada a Lei de Proteção Ambiental que trata as dunas como áreas de preservação permanente.

Órgãos fiscalizadores tentam fazer com que municípios cumpram as exigências de planos de manejo de campos arenosos.

Esses trabalhos de preservação da linha costeira auxiliam na manutenção do ecossistema dos cômoros.

À medida que o locutor narra os dados, um texto vai sendo construído dentro da página, sendo que, desse texto, algumas palavras vão sendo destacadas e realocadas para a parte superior da página, acompanhando o relevo das dunas que servem de

imagem de fundo. Quando o locutor termina sua fala é iniciada uma trilha sonora, uma música tranquila, mas que nos deixa de sobreaviso.

Analisando o texto de introdução verificamos que ele responde às questões O quê, Quando, Quem e Onde, funcionando dessa forma como o *lead*. Assim como na reportagem *Os Infiltrados*, esse texto inicial se enquadra no primeiro nível postulado por João Canavilhas para sua técnica narrativa. Dessa forma, a introdução dessa reportagem pode ser caracterizada como a Unidade Base da produção.

As palavras que foram destacadas durante a narração formam o menu da reportagem: litoral médio; balanço sedimentar; movimento; formação; funções; erosões costeiras; ocupação desordenada; dunas; efeitos da voracidade do mar; áreas de preservação permanente; órgãos fiscalizadores; manejo e ecossistema. Entretanto, é preciso ressaltar que, se o leitor não quiser ouvir a introdução, ele tem a opção de pular direto para o menu já construído. O leitor também pode escolher qual parte do áudio deseja ouvir. Na parte inferior da página, há uma figura que representa o volume da narração. Quando clicamos em qualquer um dos retângulos, aparece uma das palavras que fazem parte do menu, e dessa forma o leitor pode escolher ouvir aquilo que mais o interessa.



Figura 8 - Menu de "Por dentro de...Dunas"

Quando escolhemos um dos ícones que formam o menu, somos redirecionados a uma outra parte da reportagem. Na página acessada, há sempre uma imagem em movimento, que funciona como pano de fundo e que ilustra o assunto tratado naquele tópico. Além das imagens, temos acesso a textos que trazem mais informações sobre os

tópicos selecionados. É importante ressaltar que as páginas acessadas nessa etapa possuem o mesmo layout apresentado no menu, seguindo o mesmo esquema de cores e mantendo o fundo cinza, o que pode tornar a navegação cansativa.

Os pequenos textos apresentados nessa etapa trazem novas informações sobre o item selecionado no menu, assim como acabam complementando os dados narrados durante a introdução. Além disso, esses textos respondem as perguntas do Porquê e do Como, estando de acordo com que o João Canavilhas entende como segundo nível da *Pirâmide deitada*. Dessa forma, esse momento pode ser caracterizado como o Nível de Explicação dessa segunda reportagem analisada.

Quando a página de cada parte do menu é acessada, podemos encontrar, além dos textos, novos ícones, geralmente representando uma câmera fotográfica, que, quando abertos, mostram uma nova janela na qual mais informações são apresentadas ao usuário. Aqui, como na reportagem anterior, o público não precisa deixar a página do especial para ter acesso a outras informações. Os vídeos, infográficos e fotos apresentados durante a reportagem não precisam de links ou ícones para ser acessados, pois são automaticamente abertos quando se clica em uma determinada parte do menu, facilitando o acesso do usuário aos conteúdos que são exibidos. Alguns dos vídeos e infográficos acabam sendo utilizados para ilustrar e complementar mais de um dos tópicos do menu, tornando a experiência de acesso às informações tediosa e repetitiva. Entretanto, isso não altera sua função dentro da reportagem.

Quando comparamos a estrutura da *Pirâmide deitada* com o especial produzido por Kamila Almeida, somos capazes de perceber que os áudios, vídeos e fotos utilizados para ilustrar os textos acabam funcionando como o terceiro nível da *Pirâmide deitada*, já que no Nível de Contextualização são apresentadas informações adicionais sobre a temática abordada através da linguagem audiovisual.



Figura 9 - Conteúdo da reportagem

A maioria dos tópicos do menu apresentam fotos, vídeos ou áudios como fonte de novas informações. Porém, percebemos a existência de tópicos que são compostos apenas pelo texto, caracterizado como o Nível de Explicação (funções, áreas de preservação permanente e órgãos fiscalizadores). Como o Nível de Contextualização é caracterizado pela presença de conteúdo multimídia, que traz mais informações sobre o tema, notamos que os tópicos acima mencionados, quando analisados separadamente, não possuem esse terceiro nível.



Figura 10 - Conteúdo da reportagem sem vídeos ou fotos

Quando pensamos no Nível de Explicação e Contextualização juntos, podemos notar a existência de uma serie de opções de leitura que o publico pode escolher (como visto baixo). Entretanto, quando comparamos com o gráfico da reportagem anterior, notamos que nesse especial o leitor não encontra o mesmo nível de liberdade.

Por dentro de Dunas

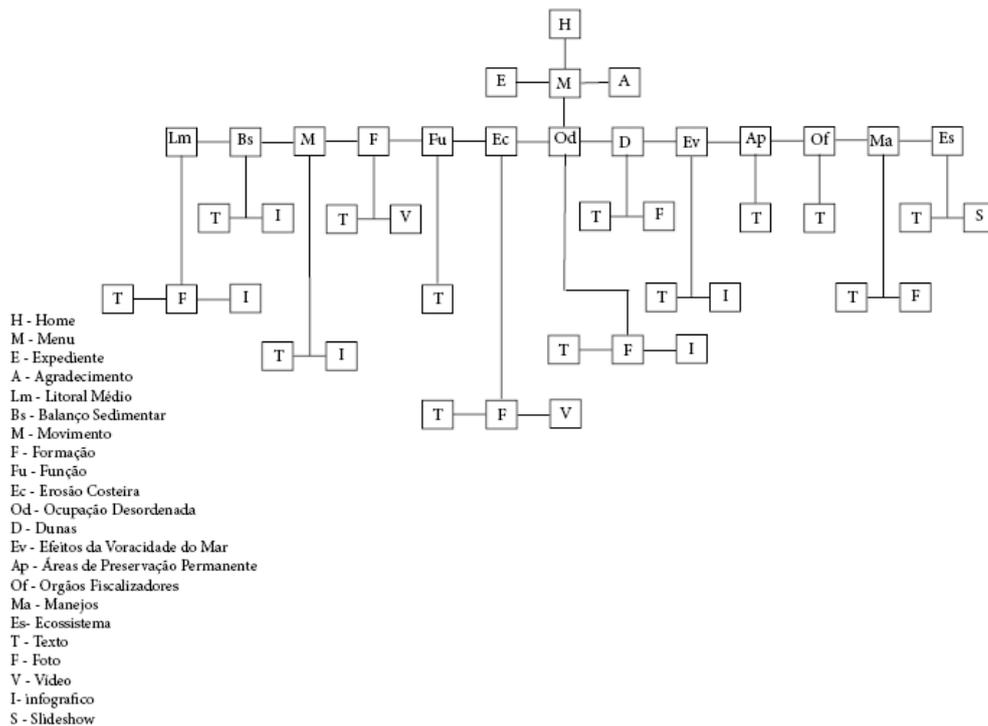


Figura 11 - Fluxograma de "Por dentro de...Dunas"

Por último, temos o Nível de Exploração, no qual a reportagem nos oferece alguns links que nos direcionam a outros domínios com mais informações sobre o tema tratado. Na reportagem em questão, existem três links que nos direcionam a páginas fora do especial. O primeiro é aquele que nos leva à reportagem escrita publicada no site do Jornal Zero Hora, a partir de um ícone que fica no canto inferior direito, podendo ser acessado a qualquer momento durante a leitura. O segundo link direciona o público para a página do site do Zero Hora, e o terceiro, por fim, é o link localizado na parte “ecossistema” que, quando acionado, nos redireciona para um audioslide hospedado em um domínio fora da página da reportagem.

É necessário dizer que o tópico “ocupação desordenada” também possui um ícone, que representa uma câmera fotográfica, que nos leva para fora da reportagem. Entretanto, esse link não abre uma página com fotografias, como é esperado. Quando acessado, leva para uma página fora da reportagem que, em seguida, redireciona o usuário para a página principal do Zero Hora.com. Trata-se, portanto, de um link que não apresenta funcionamento correto, não sendo relevante para a realização dessa análise.

Depois de avaliar a reportagem *Por dentro de... Dunas*, percebemos que ela possui todos os elementos que caracterizam a técnica de redação conhecida como *Pirâmide deitada*, mesmo que alguns níveis não estejam presentes em todas as partes da reportagem. Entretanto, quando comparamos os especiais *Os Infiltrados* e *Por dentro de... Dunas*, percebemos que na primeira produção as evidências da presença da pirâmide de Canavilhas estão mais claras do que na segunda reportagem.

| Níveis | Semelhança |
|---------------------------|--|
| Unidade Base | Quem – Dunas O Quê – Movimentação das Dunas Onde – Rio Grande do Sul Quando – Todos os dias |
| Nível de Explicação | Opções do menu |
| Nível de Contextualização | Fotos, vídeos e infográficos dentro das opções do menu |
| Nível de Exploração | Links para reportagem impressa, para o jornal e link do audioslide. |

Quadro 2 - "Por dentro de...Dunas"

Falando das estruturas do hipertexto que vemos nessa reportagem, percebemos que não existe um caminho pré-definido para a leitura do usuário. Porém, para acessar o Nível de Contextualização, é preciso estar nas partes referentes ao Nível de Explicação. Assim, como na reportagem anterior, a liberdade de navegação do usuário é limitada, e caracteriza a existência de uma estrutura hipertextual mista. Vale destacar que essa liberdade de navegação, neste caso, é menor do que aquela percebida durante a análise do especial *Os infiltrados*.

2.3 Uma Avenida em Farrapos

Por último, temos a reportagem multimídia intitulada *Uma Avenida em Farrapos*, produção sob a responsabilidade da repórter Kamila Almeida, que também assina a reportagem *Por dentro de... Dunas*. Neste caso, há ainda os trabalhos de pesquisa fotográfica, por Jefferson Botega; de arte, por Guilherme Gonçalves, Guilherme Holz, Rique Barbo e Thiago Machado; e de edição de vídeo, a cargo de Vinícius França. O especial conta a trajetória de uma das avenidas de Porto Alegre, a Avenida Farrapos, desde o seu começo glamoroso até os dias atuais, nos quais existe mais a envergonhar do que se orgulhar.

Assim que acessamos o site dessa reportagem percebemos uma grande diferença em relação aos outros especiais analisados. A produção em questão é disposta inteira na tela, sem uma página que funcione como lead ou como o menu da reportagem. Assim, a reportagem não é dividida em diferentes níveis, como as demais. Para que o usuário tenha acesso a todas as informações sobre o assunto, basta mover a barra de rolagem, já que a reportagem está exposta de forma vertical na página, como pode ser visto na figura a seguir.

**UMA AVENIDA EM
FARRAPOS**

ZERO HORA
acesse em site 4.
 Grupo **RBS**

Ha pelo menos 30 anos era glamuroso habitar os 3,5 quilômetros da Farrapos. Com o passar do tempo, com a chegada do corredor de ônibus, da prostituição, da violência e com o esvaziamento do comércio, a classe média que ali morava vendeu seus apartamentos. Para saber como vivem aqueles que ficaram e conhecer a história da avenida, Zero Hora mergulha em um dos cartões de visita da Capital que os moradores ficam envergonhados em mostrar.

Reportagem: Kamila Almeida
 Artes: Guilherme Holt, Guilherme Gonçalves, Rique Barbo, Thiago Machado
 Edição de vídeos: Vanessa Franca e Felipe Zaccolotto

1910 1920 1930 1940 1950 1960 1970 1980 1990 2000
1910 1911 1912 1913 1914 1915 1916 1917 1918 1919

1914

O arquiteto Moreira Maciel realizou o primeiro plano urbanístico de caráter abrangente de Porto Alegre durante o governo de Montauray (1897- 1924), onde foi feito o primeiro traçado da Farrapos.

Animação com áudio

A evolução da pista



Enio Guido Raupp Mondim é sobrinho do senador Guido Mondim, que morou na esquina da Avenida Brasil com a Farrapos e presidente do sindicato das oficinas mecânicas de Porto Alegre.

Clique na foto para ver a evolução

Antes e Depois



Desde a Rua da Conceição

Desde a Rua da Conceição Estação do trem Desde a Filiz da Cunha Vista panorâmica Desde a Barragem Casal Hotel De Conto

Multimídia

Multimídia

Em 2003, Eunice Rosenthal analisou os prédios em estilo Art Deco construídos nos anos 20 e 30 e transformou em seu trabalho de maquiagem.

Veja os bastidores da reportagem

Saiba como serão os Portais da Cidade propostos para a esquina da Avenida Cairu

Slideshow
Somos e Fotos mostram o dia-a-dia

Galeria
Personalidades que desfilaram pela avenida

Participe

Participe

Você tem foto da Farrapos de antigamente? **Mande seu registro e faça parte da galeria dos leitores**

Créditos

Figura 12 - Corpo de "Uma Avenida em Farrapos"

No topo da página encontramos a arte do título, assim como um texto, escrito em letras pequenas sobre um fundo que imita papel antigo, que serve como a introdução sobre o assunto da reportagem:

Há pelo menos 30 anos [Quando] era glamuroso habitar os 5,5 quilômetros[Onde] da Farrapos [Quem]. Com o passar do tempo, com a chegada do corredor de ônibus, da prostituição, da violência e com o esvaziamento do comércio, a classe média que ali morava vendeu seus apartamentos [O quê]. Para saber como vivem aqueles que ficaram e conhecer a história da avenida, Zero Hora mergulha em um dos cartões de visita da Capital que os moradores ficam envergonhados em mostrar.

Apesar de ser um texto curto e de não estar localizado em uma página à parte do restante da reportagem, como nas outras reportagens analisadas, essa introdução acaba funcionando como o *lead* do especial multimídia, podendo, assim como nas demais, ser caracterizado como a Unidade Base do especial, de acordo com os níveis da *Pirâmide deitada*.

Logo abaixo dessa introdução, encontramos uma linha do tempo, que apresenta a história da avenida, começando na década de 1910 e terminando nos anos 2000. O infográfico traz textos, vídeos, áudios e fotos que mostram ao leitor a evolução da Farrapos, desde sua construção até a decadência recente. Quando as datas dessa linha do tempo são acessadas, entramos em contato com pequenos textos que trazem mais informações sobre a Avenida Farrapos em cada período da sua história. Como os dados apresentados complementam as informações mostradas na introdução, esses textos podem ser enquadrados dentro do segundo nível da *Pirâmide deitada*, o Nível de Explicação.

Além dos textos, dentro do infográfico, podemos encontrar arquivos de áudios, vídeos e fotos, que nos trazem mais informações sobre o assunto tratado naquele determinado ano. Esses outros arquivos são acessados dentro da página da reportagem, sem que seja necessário que o leitor deixe o domínio para ter acesso às informações. Assim como nas demais reportagens as fotos, vídeos, textos e áudios que trazem mais informações sobre o segundo nível da *Pirâmide deitada*, podem ser classificados como o Nível de Contextualização dessa reportagem. Entretanto, assim como na reportagem *Por dentro de... Dunas*, nem todas as partes do infográfico são ilustradas por fotos, vídeos ou áudios. Dessa forma, nem todos os tópicos representados no infográfico possuem um Nível de Contextualização.

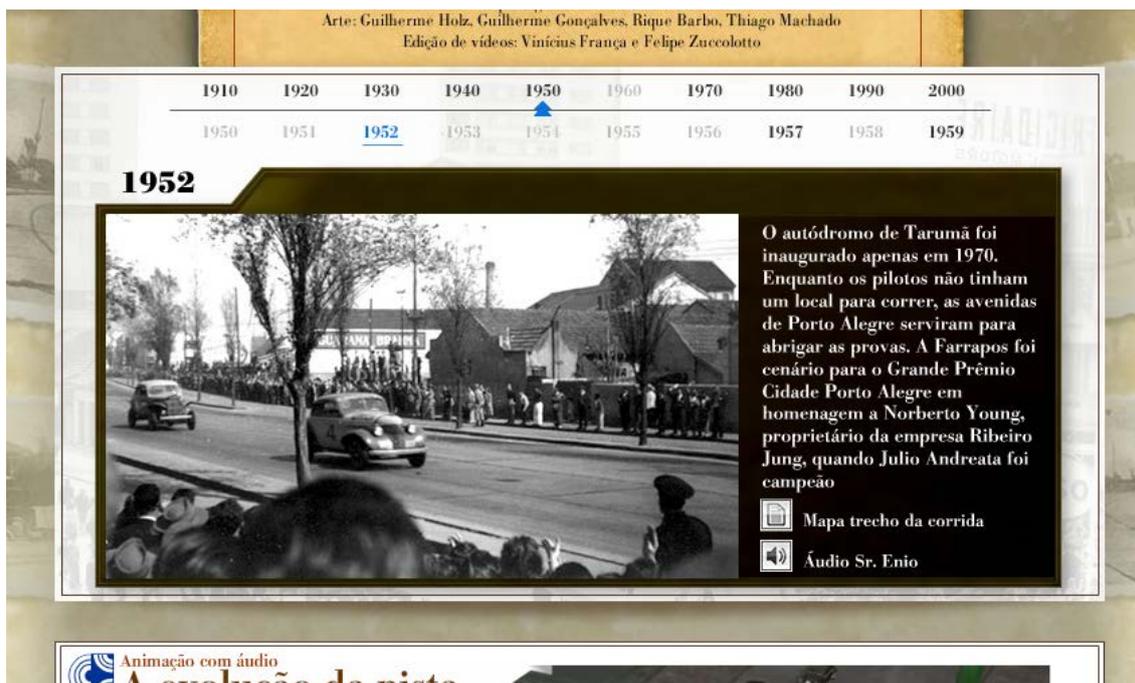


Figura 13 - Linha do tempo de "Uma Avenida em Farrapos"

Abaixo da linha do tempo encontramos uma animação com áudio intitulada “A evolução da pista”. A animação segue a narração de Enio Guido Raupp Mondim, e vai indicando as áreas que faziam parte da avenida, assim como as transformações pela qual a rua passou, de acordo com o que é falado na locução. Porém, ao contrário dos outros vídeos exibidos durante a reportagem e daqueles apresentados nas outras reportagens, o usuário não tem a possibilidade de interromper a reprodução do vídeo, sendo obrigado a acompanhar toda a demonstração ou então fechar a página para depois reabri-la e continuar a navegação. Por se tratar de uma produção em formato de vídeo, podemos classificar a “A evolução da pista” como pertencente ao terceiro nível da *Pirâmide deitada*. Entretanto, esse Nível de Contextualização não está ligado a nenhum Nível de Explicação, como acontece nas reportagens anteriores.

A mesma classificação pode ser aplicada à galeria de fotos que vem a seguir na reportagem. Nesse conjunto de imagens, encontramos o antes e o depois de alguns pontos da rua, para que o leitor possa entender melhor quais foram as mudanças pelas quais a avenida passou durante os anos. A imagem do antes é uma foto antiga e desbotada, já as fotos do depois são imagens recentes que deixam evidente as modificações pela qual a Avenida Farrapos passou, deixando claro o processo de deterioração da rua.



Figura 14 - Slideshow e Multimídia de "Uma Avenida em Farrapos"

No final da página, encontramos um box intitulado “Multimídia”, no qual aparecem alguns ícones que redirecionam a domínios fora da página da reportagem. O primeiro é uma câmera de vídeo, que leva a uma entrevista com a arquiteta Simone Ruschel, que fala sobre a Art Decô na Farrapos. O segundo, apesar de ilustrar uma página de texto, abre um vídeo que mostra os bastidores da produção da reportagem. O terceiro ícone leva a uma ilustração das próximas modificações que serão feitas na Avenida. Os dois últimos, por fim, levam a uma galeria de imagens e um slideshow que retratam o dia-a-dia da Avenida Farrapos. Como os ícones “multimídias” levam para páginas que estão fora do domínio da reportagem, eles se enquadram no que seria a quarta etapa da *Pirâmide deitada*, podendo ser classificados como o Nível de Exploração da reportagem.

Essa classificação se estende ao ícone de “Participe”, que abre uma nova página, na qual o leitor é direcionado à parte de “Enquetes” do Zero Hora.com. Nessa página o público encontra perguntas que pedem a opinião do leitor sobre diversos assuntos já tratados pelo jornal gaúcho.

Por ter uma parte separada intitulada Multimídia, a reportagem passa a ideia de que o restante da produção não possui essa característica, mesmo fazendo uso de fotos, vídeos, textos e áudios. Dessa forma, o usuário fica com a impressão de que apenas os conteúdos extras colocados no final da reportagem são conteúdos multimídias.

Ainda no final da reportagem, encontramos os créditos e também a aba “Participe”, na qual o leitor pode interagir com a produção da reportagem, fazendo parte da construção desse produto. A Interatividade é umas das características do webjornalismo, entretanto essa peculiaridade só ficou evidente na última reportagem analisada.

Apesar de algumas diferenças na estrutura da reportagem, notamos que todos os níveis da técnica proposta por Canavilhas encontraram uma afinidade entre as linguagens que fazem parte desse especial, o que fica evidente no quadro abaixo.

| Níveis | Semelhança |
|---------------------------|---|
| Unidade Base | Quem – Farrapos O Quê – Saída da classe média Onde - 5,5 quilômetros Quando – há 30 anos |
| Nível de Explicação | Infográfico |
| Nível de Contextualização | Evolução da Pista, Antes e Depois |
| Nível de Exploração | Link p/ jornal, multimídia e participe. |

Quadro 3 - "Uma Avenida em Farrapos"

A estrutura de *Uma Avenida em Farrapos* destoa dos demais especiais analisados: enquanto as anteriores são apresentadas em diferentes páginas, dando uma noção de níveis, a terceira reportagem está colocada em uma página única, dando ao leitor a impressão de que as diferentes linguagens estão justapostas e não integradas dentro do especial, dificultando o reconhecimento de uma narrativa própria. Essa diferença fica evidente quando comparamos os dois gráficos anteriores com o que se refere a essa reportagem.

Uma Avenida em Farrapos

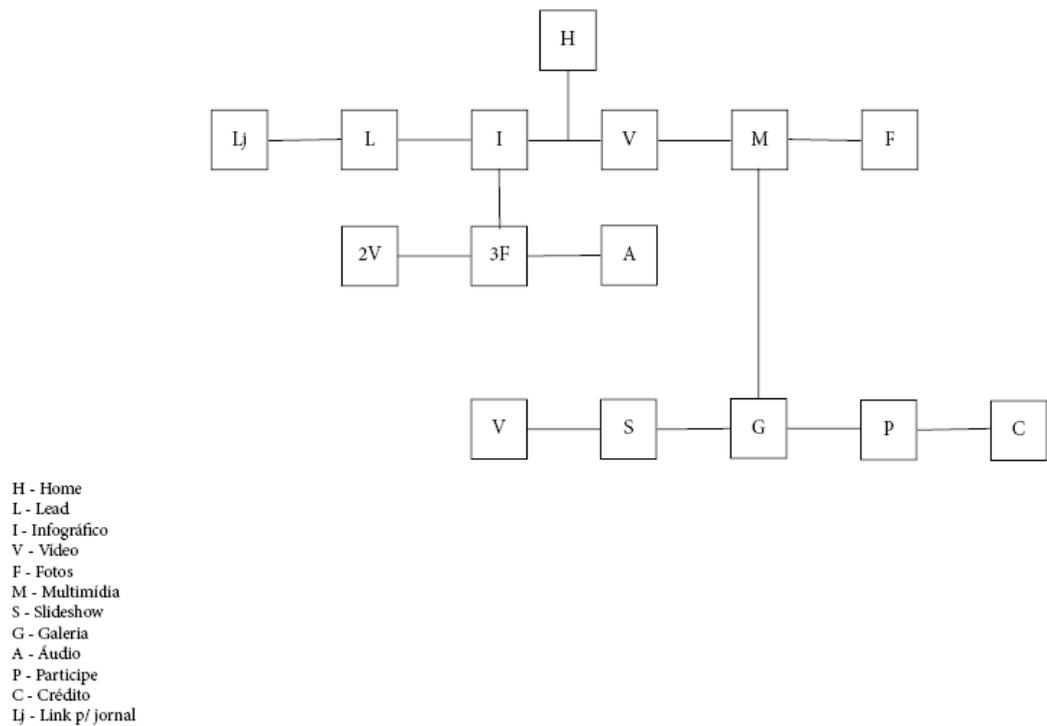


Figura 15 - Fluxograma de "Uma Avenida em Farrapos"

Porém, apesar de não ser apresentada em níveis como as reportagens anteriores, a estrutura hipertextual é a mesma: *Uma Avenida em Farrapos* dá ao leitor uma sugestão de leitura seguindo do topo para a parte de baixo da produção, dando a liberdade de escolher qual item se deseja acessar primeiro, por isso também possui uma estrutura mista.

Considerações Finais

Com a popularização da internet, o jornalismo teve de se adequar a algumas mudanças. As produções feitas para o ambiente online não possuem as mesmas particularidades daquelas feitas pelos tradicionais meios de comunicação. A principal diferença é que os especiais multimídia não possuem uma limitação de tempo e espaço. O jornalista não tem um limitador físico, e pode adicionar a quantidade de informação que achar necessário na sua produção.

As técnicas narrativas usadas tradicionalmente pelo jornalismo não se encaixam dentro desse novo tipo de produção, que é caracterizado pela integração de diferentes linguagens em uma mesma reportagem. Aqui, a utilização de uma nova técnica se torna necessária, e foi tentando perceber essas modificações dentro do webjornalismo que realizamos as análises desse trabalho. Pretendíamos aqui verificar se as reportagens multimídias seguem o modelo da *Pirâmide deitada* proposta por João Canavilhas.

Para isso, analisamos três reportagens multimídias produzidas por um dos sites jornalísticos pioneiros na produção online, verificando se a estrutura apresentada pelos especiais se encaixava nos parâmetros da nova técnica de redação, e se cada uma das partes formadoras dessas produções podiam ser caracterizadas como os níveis da *Pirâmide deitada*.

Depois de analisadas as três reportagens – *Os Infiltrados*, *Por dentro de... Dunas* e *Uma Avenida em Farrapos*, fica claro que todas elas possuem duas características do webjornalismo e que são importantes para a *Pirâmide deitada*: a multimídia e a hipertextualidade. A primeira é significativa porque sem ela as diferentes linguagens não estariam presentes nas reportagens e sem a segunda a construção de uma narrativa em níveis, principal característica da técnica em questão, não seria possível. Percebemos que todos os especiais vistos aqui apresentam áudios, vídeos, textos, fotos ou slideshows conectados ao tema central através de links.

A primeira reportagem apresentada foi o especial multimídia *Os Infiltrados*, produção feita com o programa *Flash* e apresentada ao público dividida em diferentes páginas (como pode ser visto no fluxograma), dando a nítida noção de ser separada em diferentes níveis, permitindo que o público tenha certo grau de liberdade de navegação no momento da leitura. Notamos também a presença de diferentes linguagens dentro do seu corpo, colocadas de forma a funcionar como fonte de conteúdo, extrapolando o posto de mera ilustração. Analisando os conteúdos multimídias e sua posição dentro da

reportagem, pudemos notar que se enquadram nas características dos quatro níveis. Quando colocamos essas características juntas, notamos que esse especial fez uso da técnica *Pirâmide deitada* na sua construção, passando de um nível com menos informação para níveis com cada vez mais informações sobre o tema abordado.

A segunda reportagem analisada é intitulada *Por dentro de... Dunas* e também foi produzida usando o programa *Flash*. Assim como o especial anterior, esse também é dividido em diferentes partes, entretanto o grau de liberdade de navegação dada ao leitor não é o mesmo apresentado no primeiro especial estudado. Aqui, diferentes tipos de linguagens também são apresentados durante a reportagem, porém, nesse caso específico, notamos a repetição de alguns itens, o que não altera a classificação desses conteúdos. Como a estrutura desse especial é construída em níveis e se caracteriza pela presença de linguagens distintas, também percebemos a presença da técnica de redação para os produtos online.

Por último temos o especial *Uma Avenida em Farrapos*. Nesse ponto, começamos a perceber diferenças entre essa e as outras duas reportagens analisadas. Primeiro, as estruturas são diversas, uma vez que os especiais anteriores eram apresentados em níveis e este terceiro é exibido em página única, sem nenhuma espécie de divisão, o que foge dos padrões propostos por Canavilhas. Assim, como as outras produções é evidente a presença de diferentes tipos de linguagem que também podem ser enquadrados nos níveis da *Pirâmide deitada*. Entretanto, a forma como a reportagem é montada dificulta sabermos qual foi a técnica utilizada durante sua construção.

Nesse caso, como notamos a presença de diferentes linguagens agrupadas dentro de uma mesma reportagem, mesmo não estando divididas em diferentes níveis, podemos perceber a influência da *Pirâmide deitada* na construção do último especial analisado.

Com isso, percebemos que, mesmo que não fique claro durante a leitura dos especiais multimídias, a *Pirâmide deitada* exerce influência durante sua produção, principalmente quando observamos a utilização de diversas linguagens dentro de uma mesma produção, a fim de criar uma narrativa para a temática abordada.

Apesar de ser um recurso atraente para os leitores, já que permite uma interação maior entre o público e a produção, os especiais multimídias ainda não foram bastante estudados, sendo um tema pouco tratado dentro das faculdades e tendo uma produção ainda incipiente.

Quando pensamos na aplicação dos especiais multimídias no jornalismo como o conhecemos, percebemos que não existem diferenças na maneira como as informações são apuradas ou no tempo que o profissional leva para realizar essa tarefa. Entretanto, esse tipo de reportagem permite uma maior interação com o leitor, possibilitando uma relação diferenciada entre o público e a produção. Além disso, as reportagens multimídia permitem que o jornalista trabalhe com a quantidade de informações que achar necessária, já que não possui limites físicos para a sua produção.

Referências Bibliográficas

AVILÉS, J. A. G.; SALAVAVERRÍA, R. La convergencia tecnológica em los medios de comunicación: retos para el periodismo. **Trípodos**. Barcelona, n.23, p. 31 – 47, 2008.

CARVALHO, M. F. PAULA, S. D. C. de. Trilha do Minério: grande reportagem na web. IN: PRÊMIO EXPOCOM, 20., 2013, Manaus. **Anais do XX Prêmio Expocom**.

CANAVILHAS, J. Do Jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança. **Biblioteca on-line de ciências da comunicação**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalismo-online-webjornalismo.pdf>>.

Acessado em 22 ago.2013.

CANAVILHAS, J. Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. **Biblioteca on-line de ciências da comunicação**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>.

Acessado em 22 ago. 2013.

CRISTIANO, B. A.; SILVA, V. S.. Reportagem Multimídia: A grande reportagem na internet. IN: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 27., 2012, Ouro Preto. **Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**.

DEAK, A. **Novos Jornalistas do Brasil: casos de processos emergentes do jornalismo na internet. Dissertação**. (Mestrado). Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2011.

FACCIN, M. J. Zero Hora, a voz que une os gaúchos. IN: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 7., 2009, Fortaleza. **Anais do XII Encontro Nacional de História da Mídia**.

FONTCUBERTA, M. **A Notícia: pista para compreender o mundo**. Lisboa: Editorial Notícias, 1996.

HENNEMANN, G. H. As características do jornalismo digital nos webjornais do grupo RBS. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação**.

JENKINS, H. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. 2º Ed. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

LENZI, A.. O desafio da produção de conteúdos noticiosos multimídia no cenário da convergência: a experiência dos repórteres do Diário Catarinense. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v.9, n.1, p.93 -107, Janeiro – Junho, 2012.

LONGHI, R. R. Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia. **Estudos em comunicação**. Covilhã, v.2, n.7, p.211, Maio, 2010.

MIELNICZUK, L. A Pirâmide Invertida na época do Webjornalismo: tema para debate. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação**.

MIELNICZUK, L. Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. **Tese**. (Doutorado). Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2003.

PACHECO, P. S.; SPINELLI, E. M.. Desenvolvimento de Multimídias em Portais Brasileiros. **Revista Anagrama**. v.7, n.1, p. 1-15.

PALACIOS, M.. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória. In: MACHADO, E., PALACIOS, M. (Org). **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: Edições GJOL; Calandra, 2003. p. 13 – 36.

RAYMUNDO, R. T. Navegação em um infográfico multimídia na web: aspectos de produção e recepção. IN: III ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 3., 2009. Belo Horizonte. **Anais do III Encontro Nacional Sobre Hipertexto**.

RIBAS, B.. Infografia Multimídia: um modelo narrativo para o webjornalismo. IN: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PERIODISMO EM INTERNET, 5, 2004. Salvador. **Anais do V Congresso Iberoamericano de Periodismo em Internet**.

SCHWINGEL, C. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SPINELLI, E. M.; RAMOS, D. O. A Reportagem Multimídia no Clarín.com e a pesquisa por uma linguagem digital. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 30., 2007, Santos. **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**.

ZAMITH, F.. Pirâmide Invertida na Cibernócia: a Resistência de uma técnica centenária. **Prisma.com**, Lisboa, n.1, p. 175-192, 2005.